AO ANOITECER DA VIDA

(ULTIMOS VERSOS)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
71, Travessa da Victoria, 71

1874

AO ANOITECER DA VIDA

PORTO
IMPRENSA LITTERARIO-COMMERCIAL
489, Rua do Bomjardim, 493

1874

AO ANOITECER DA VIDA

(ULTIMOS VERSOS)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA

71, Travessa da Victoria, 71

1874

PREFACIO (1)

Alguns intendimentos haverá ahi que possam e queiram ponderar a tristeza d'estas linhas. É desagradavel ao leitor este convite. Tristezas, bastam-lhe as suas, não é assim? Ora, quem sabe se algum pouco de alivio e distracção lhe leva esta confidencia do amigo, ou do indifferente, dolorosa confidencia, que vai correr perigo de ser motejada? Pois venha o motejo, que é bom signal do alegre animo do leitor; e bem póde ser que, ao fim do prefacio e dos versos, o espirito folgado, que começou mofando, acabe condoendo-se.

(1) Escripto em 1862, para ser então publicado. O manuscripto d'este livro, treze annos na gaveta do comprador, decerto não melhorou; pois vem a lume n'um tempo em que a velha poesia se desluziu de todo. Horacio aconselhava aos escriptores que engavetassem nove annos os seus productos antes de os mandar á praça; mas não sabemos que algum legislador do Parnasso recommendasse treze annos de madureiro na gaveta do editor. A fructa, que então parecia verde, corre perigo de sahir hoje pôdre. Meus pobres versos, por que vos não queimei eu em 1862!... (1873)

A razão da tristeza é saber eu que estou aqui escrevendo o epitaphio d'umas tristezas que me eram quasi tão suaves como o contentamento. A poesia é isso, e não póde ser outra coisa.

É, pois, o epitaphio da minha pobre musa que eu estou escrevendo, epitaphio compassado e detençoso como a saudade o quizer ir ditando. Temos, eu e ella, paginas communs em nossa vida, mormente as de festa e de vehemente jubilo; mas, n'estas, os nossos prazeres eram silenciosos, ou os celebravamos mysticamente em devaneios, de que não tenho outra lembrança que não seja pungidora saudade. Nas dôres, é que me ella accudia ao coração abafado, e lá se insinuava, e de lá saía com versos e lagrimas. Versos! sel-o-iam? lagrimas de muito desafogo e redemptoras de supremas angustias juro eu que m'as dava a poesia, nas más horas em que, pelo ordinario, os mais dos homens cahem de opprimidos, se o anjo da fé religiosa lhes nega amparo.

Quando entre-luziu á minha idea a apparição d'esta amiga de vinte e quatro annos? Quando quiz eu escrever os primeiros versos?

Devia antes perguntar quando senti a primeira ancia de trasladar do espirito o vago, o intraduzivel, para as linhas d'um soneto rithmadas pelos dedos. Isto creio que foi ahi nos meus nove annos, quando li, sem percebêl-as, umas estancias dos Luziadas. A musa, n'aquelle anhelante momento, ideou-se-me á feição de uma graciosa menina da minha edade, de cabellos loiros e roupas alvissimas. Borboleteava-me aquella visão iriada de arvore para arvore, de flor a flor. Ia

comigo ás margens da ribeira verdejar mais lindas as alamedas e as franças dos salgueiraes. Povoava-me de alegrias as soledades que os moços da minha creação achavam tristes e abhorridas. Tristezas tambem eu as lá sentia; mas tão dôces e descançadas, que nenhum dos mais serenos contentamentos da juventude poderam competir com ellas.

Creio que tinha eu então entre os quinze e deseseis annos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escholares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia d'aquelle tempo, bibliotheca de padres, lá em cima na serra do Mesio, em Traz-os-montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem dispersas n'uns cinco tomos denominados «Miscellanea poetica».

Não cuidem que eu desfaço no quilate d'aquelles dois grandes nomes, lastimando-me da magreza dos meus poetas iniciadores. Quiz eu dizer que nem Elmano nem o grande Camões condisiam com a delicadesa nimiamente pueril do meu sentimento, nem as fórmas tumidas de um e as ponderosas estancias do outro me pautavam fórmas á vaga idealisação e devaneios da minha alma.

Já então, e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam já os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania

como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*.

Ora, eu, em 1842, não conhecia algum d'aquelles nomes, nem áquellas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro do poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda, e o *Fernão Mendes Pinto* á direita, e as *Viagens de Cyro* por cima, e a theologia do *Lugdonense* por baixo.

A mim me quer parecer que, se aos meus quinze annos, a fortuna me houvesse posto, não álem no concavo da serra, mas em atmosphera de lettrados, de academias, de polithecnicas e livreiros, outras galas me vestiriam o espirito, luzes mais precoces alumiariam o que quer que era escuro, em que a minha candida e loira musa andava como ás cegas. A natureza, por si só, não me ensinava senão aquillo que, desajudado da arte, pouco monta em poesia. O leitor, meãmente authorisado em materia de versos, sabe que a muita arte dá foros de copiosa veia á poesia; que só o é no methro, e sáe como tirada a forceps do espirito constrangido; ao passo que muita e mui espontanea fecundidade, se a esquadria da arte lhe não rege o derramamento, dispara em desharmonia, e desmancho tal que nem já propensão se concede ao rude poeta, que em pouco está fazer-se cultivissimo. Assim, pois, se me déssem para estudar, n'aquelle tempo, os modelos que hoje, uns mais esquecidos que outros, ainda assignalam a passagem da eschola sem cunho proprio, para o eclectismo classico-romantico, de vêr é que eu encontraria fórmas adqua-

das á mysteriosa poesia que por alli se perdeu em selvagem tracto com arvores e penhascos.

A minha primeira poesia!

Quer o leitor desenfadar-se a ler a minha primeira poesia?

Que alegria a minha, quando, ha trez annos, depois d'uma ausencia de dezoito, voltei á aldeia onde me creei, e lá, entre os meus livros de infancia, encontrei a minha primeira poesia n'este papel amarellecido, que aqui me está espelhando a decrepidez da alma!

Negros deviam ser os meus cabellos, quando este papel era azul! Elle, agora, da côr dos marmores envelhecidos, e das flores dezoito annos guardadas como reliquia d'algum amor de mulher cuja cruz tumular amarelleceu com ellas! E eu, que ainda hontem — o *hontem* do espirito infinito — ha vinte e dois annos, escrevia estas linhas, aqui as estou agora lendo com os quasi apagados olhos, e os cabellos já brancos da neve precursora d'outros mais frios gêlos!

Bem me lembra a historia d'estes... ia eu agora chamar-lhes *versos!*... Versos sejam, porque não?

Deixem-me viver um instante da vida em que elles nasceram. Versos cuidei eu que fiz então. O meu bom padre Antonio cansou-se a dizer-me que isto era ruim prosa, e eu pervertido pelo amor...

Ah! pois temos historia d'amor?!

Se temos! Versos, sem preambulo d'amor, é que não podem sê-lo, nem são nada, salvo quando a sua razão de ser se funda em moinho de paciencia, ralar de

importuna cigarra, disfarçado em livro de ensinamento, como a geographia astronomica em poema, a agricultura em poema, a veterinaria em poema, e outros muitos poemas que ha, peores.

Por esse tempo (1842) fui eu a uma romaria da *Senhora apparecida,* duas leguas ao sul da mesma serra, na quebrada d'outra serra da mesma cordilheira.

Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista, que era o mais attrevido imaginador de phantasias chulas. « Chulas » chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de taes festanças. Em outras partes da provincia dizem « ronda », e « esturdia » n'outras.

Parára a ronda, como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moças, e a sobre-excellencia d'um clarinête que guinchava umas deliciosas variações, algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba, e grilharia dos ferrinhos.

A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, esteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapasio para a recta-guarda; recolheu os musicos ao centro, e cobriu a frente com quatro espadaudos moços de páo ferrado. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os páos; as rebecas iam soando pelos ares como harpas eolias; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinete salvava-se no tôpo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insigne d'aquelles arredores, que sustentára desafio duas horas,

amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordoada que a deslombou. Parecia o dia do juiso!

Devo á minha presença de espirito saír illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa que os gladiadores respeitaram por não sei que prodigioso instincto. Os páos travados desensarilhavam-se, quando, ao rossarem pela pipa, o taverneiro lhes gritava aos cegos da ira:

— Rapazes! não me boteis a perder! Olhai que me abrides ao vinho!

Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado, e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes saíram moídos da festa, por se metterem a pregoar pazes.

Salvei-me, pois, encostado á pipa, onde me acolhi, depois de raciocinar friamente sobre as evoluções da tremenda batalha. D'aqui presenciei o triste espectaculo de dezenas de homens esmoucados, e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladeiras, pedindo clamorosamente á Senhora Apparecida que tivesse mão d'aquelles homens que se matavam.

Entre-lembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida: um d'estes era o zabumbeiro da ronda aggressora, o outro era o violista da minha, engenhosissima creatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quero dizer. Deus os tenha ambos nos córos angelicos, já que o mundo não era digno d'elles.

Applacada a desordem, agradeci mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado de pavilhão inglez (vem de seu ao pintar todas as comparações com inglezes, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos.

Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácêrca dos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da freguezia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha de Italia, plumas escarlates, e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! No tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida d'aquellas esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão, e fructa sêcca, tudo condimentado pelos sorrisos supra-celestiaes de uma das duas mòcetonas, que a estas horas...— sancto Deus! como isto é triste!—devem ter netos e raros vestigios d'aquellas lustrosissimas perolas que lhes divinisavam o sorriso!

Ao lusco-fusco, o vigario sahiu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus conterraneos, caminhamos em direcção opposta para os nossos sitios.

Estive largo espaço no têzo d'um oiteiro em quanto os olhos alcançavam por entre o já carregado crepusculo as brancas visões que transmontavam a colina proxima. Depois que de todo em todo desciam na que-

brada invisivel do outeiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horisonte, e na estrella vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração.

E quer agora vêr o leitor o que fazem lagrimas aos quinze annos? Veja nas seguintes linhas a face irrisoria d'um primeiro amor. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metreficar as minhas primeiras e parvoinhas innocencias, e admirem-se da mais sandia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigil-as, se quer!

E chamei eu a isto

ODE

Se as tristes expressões do triste Alcino (1)
Em versos dolorosos moduladas
Merecem de attenção um só momento,
Não recuzeis, Senhora, attenção dar-lhes:
Pois se a lyra é d'Alcino, o estro é vosso.

Sensiveis somos. Crime! acaso é crime
Affectos mil sentir no centro d'elles? (2)
Tão fragil coração qual é o do homem
Não pecca, se do amor á mão se dobra.
Sentimentos gravados n'alma existem
Do nobre, do plebeu, quaes tem minh'alma.
Sensiveis todos são; nascemos todos
Á voz d'um só creador, do mesmo sôpro.
D'esta dôce cadeia, inquebrantavel
Tambem teu peito, Elmena, um elo fórma.
Estás tambem a leis eguaes sujeita;
O mesmo astro, que influe na tua alma
Na minha influe e verte amor em fogo.

(1) Chamava-me eu *Alcino*, e ella era *Elmena*. Que graça bucolica, e que doçura!

(2) Creio que queria dizer no centro dos affectos.

E é tão violento este imperio, que ata,
Que vence os corações, que os funde e abraza,
Quanto é sincero, Elmena, ó doce Elmena,
O impulso d'amor que me incendeia,
Nascido sim do amor; mas momentaneo
Qual o raio veloz que abraza e foge. (1)
Eu vi-te, Elmena, vi-te, e, ao ver-te, subito,
Senti amargo fel juncto á doçura!
Um presente clarão me fulge á mente;
A nuvem do passado a mente obumbra;
Um funebre porvir me aterra e assombra! (2)
Meus olhos te procuram, vagam, correm;
Mas lagrimas lhe afogam os raios d'alma. (3)
Meus labios, presumidos, se esforcejam
Na exposição da vacillante idea;
Mas á dôr cordeal sossobram labios! (4)
Meus olhos outra vez a ti se inclinam,
E convulsos de dôr não veem teus olhos.
Teus fugitivos passos sigo attento...
Eis me inda outra vez, comtigo, Elmena!
Um penoso pudor me estorva as vozes...
Nem ao menos teu nome ouso pedir-te....
Para em meu coração, sacrario d'elle,
Perpetuo altar, perpetuo culto dar-lhe!

Pouco depois, em vão te vou buscando...
Segues a extrema do caminho opposto;
A outra eu sigo... inda trez vezes olho;
Mas já não vejo quem a paz me rouba!
Adeus! ai! para sempre, adeus, Elmena!
Cá fica Alcino, succumbindo á magua!

(1) Não sei o altissimo pensamento que quiz exprimir. Devia de ser muito alto!

(2) Estes tres ultimos versos recitava eu com emphase e soberba de os ter feito. O meu padre Antonio respondia-me sempre, inflando as bochechas, e dizendo: *bomba!*

(3) Este naufragio dos raios d'alma era um sucesso que me fazia chorar, cada vez que me dava a mim mesmo em espectaculo de gloria!

(4) Esta *dôr cordeal* parece que era a dôr do coração. A lingua portugueza parecia-me insufficiente para a necessidade de adjectivos que a mesma dôr sentia.

Se algum dia, esta carta, acaso, vires,
Talvez que sintas commoções de pena:
Talvez te lembre de que viste, um dia,
N'uma romage incognito mancebo
Que, constante, fitou teu rosto bello.
....
....
Mas deixa, ó alma triste, a magoa, o pranto!
Um momento recobra d'alegria
Emquanto a Parca a *fatal foice afia!* (1)
Recobra de descanço um só momento;
Não lamentes um bem, que vai perdido;
Pois mais do mal se aggrava o sentimento.
Quando cumpre fallar do mal sentido!

Riram-se?

Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatorio no coração. Muita lagrima chorei n'aquelles meus quatorze annos!

Subia eu á crista d'um outeiro, d'onde se avistavam umas como nevoas de fumo, a duas grandes leguas de distancia. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbiterio do tio, e a guarida das avezinhas, que a viam, e lhe annunciavam a madrugada. Do outeiro me descia ao intardecer, chorando, e escugitando na traça de lhe mandar a minha *ode.*

De ninguem fiava a remessa, ou ninguem se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneciam-me, e os mais sisudos mandavam-me jogar o peão, ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira.

(1) Estes trez *f f f*, áparte a femea do çafio, achava eu que eram onomathopaicos.

Poucas semanas volvidas, sahi d'aquella serra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, prégador de fama, e bom velho sobre tudo, o padre Manoel da Lixa.

Como eu, saudoso das montanhas que deixára, continuasse a escrever outras *odes,* e a declamal-as aos condiscipulos, o velho latinista quiz ouvir-m'as, e, com tanta generosidade o fez, que mordia o beiço para disfarçar o riso. D'estas almas é que já não ha!

Ergueu-se o mestre, concluida a leitura, e tirou da sua estante de pinho bruto dois volumes em oitavo portuguez. Pensei que elle ia mostrar-me as leis da metreficação em artes para mim desconhecidas.

— Este livro — disse elle, folheando um — é a edição de 1825, das obras poeticas de Pedro Antonio Correia Garção. Est'outro é de Nicoláo Tolentino. Já os leu?

— Não, snr. padre mestre.

— Pois quero que veja aqui na satyra I do Garção, uns versos que valem mais que todos os outros. Leia os que tem ementa á margem.

Li, pois, os seguintes versos:

«Coridon, Coridon, que negro fado
«Que frenezi te obriga a ser Poeta!
«Que esperas de teus versos? Ainda esperas
«Pelos antigos seculos dourados
«Quando achavam Mecenas bons engenhos?
«Não sabes que das musas portuguezas
«Foi sempre um hospital o capitolio?
«Viste já que seis urcos arrastassem
«Em douradas berlindas um poeta?

«Não escreve Lusiadas quem janta
«Em toalhas de Flandres; quem estuda
«Em camarins forrados de damasco.

....

....

«E não fôra melhor que te deixasses
«De uma arte desgraçada, que os prudentes
«Já calvos Salomoens, padres conscriptos
«Aborrecem, desprezam, e condemnam?
«Almotacel que queiras ser d'um bairro
«Excluido serás sendo Poeta.

....

«Antes de ti se diga que roubaste
«Ao pobre caminhante dez cruzados;
«Que violaste as Vestaes; que em vão juraste;
«Que és bruxo, delator, que és um falsario:
«Tudo o tempo consome, tudo esquece
«Tudo douram riquezas; mas Poeta!
«E' furia sem remedio, é cão damnado,
«Todos o apupam, todos o apedrejam!

—Viu? disse padre Manoel, com o dedo indicador comprimindo a venta direita, e arfando a esquerda sobre a pitada de simonte, que esfregava voluptuosamente entre os dois dedos. Agora, eu lhe leio o meu Nicoláo Tolentino. Vem-lhe ao pintar estas quadras:

«A occupação de poeta
E' nobre por natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os d'este são a pobreza.

«Os dentes do bom Camões
Sejam fieis testemunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não acharam senão unhas.

«Depois que seus frios olhos
Se fecharam no hospital,
Logo as filhas da memoria
Lhe ergueram busto immortal.

«De que serve honra tardia?
Bem sei que o rifão vem torto;
Mas faz lembrar a cevada
«Que se deu ao asno morto.

E foi lendo a sabida admonenda ao versista cabelleireiro, até mui calorosamente declamar:

«N'estas cousas é que eu creio;
Poesia é mal fadada;
Assenta amigo Luiz,
Que nunca serviu de nada:

«Poucas damas a conhecem;
Se a pedem, e se a festejam,
Gostam do que não intendem,
Pedem o que não desejam.

. . . .

«Uma Venus me pediu.
Por quem inda eu hoje peno,
Que lhe fizesse um soneto
Inda que fosse pequeno.

«Dinheiro, invicto dinheiro,
«Só em ti é que eu me fundo;
«Tens o direito da força
«És o tyranno do mundo:

. . . .

«Amigo, tenho acabado
O meu comprido sermão,
Préguei-te as altas verdades
Que trago no coração.

«Abre mão das poesias,
Que nenhum prestimo tem;
E cuida em solidos meios
De ganhar algum vintem.

— A pura verdade é esta! — proseguiu o padre mestre, consoante as pitadas lhe iam illucidando o dom da prophecia — Se o pequeno quer fazer da poesia modo de vida, está bem aviado! Eu tambem fiz o meu soneto em Braga, quando me andava ordenando; mas um bom amigo poz-me um cauterio na bossa da poesia, e fêl-a suporar a peçonha que havia de fazer de mim um derrancado padre, sem me deixar ser um bom poeta se quer. Quanto ao valor da sua poesia, o que por ahi vejo no que me recitou, são creancices, que melhor seria terem ficado na obscuridade em que o menino deixou as suas primeiras camizas.

No secreto da minha consciencia, formei do padre um juiso errado. Inventariei-o no numero dos sandeus que me haviam escouceado da Castalia, onde elles não podiam beber.

Vivi, d'aquella hora em diante, mais clandestinamente com Apollo, já versejando por conta de Elmena, já versejando aos passarinhos que cantavam nos soutos e olivaes visinhos da janella do meu pobre quarto.

Prouvera a Deus que os benevolos conselhos do meu professor de latim me encontrassem mais maduro de siso do que era razão esperar dos meus quinze annos!

N'aquella terra andavam ás más dois irmãos de fidalga prosapia, á conta do casamento desegual que um d'elles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados á conta de me

não lembra que antecedencias mui ageitadas á galhofa metrica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero! Poeta, e de mais a mais requestado para entervir com minha opinião em casamento tão fallado nas vinte aldeias circumpostas!

Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do morgado, lia a satyra á populaça, que ria ás escancaras.

E eu de lado a rever-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

Por um cabello que não fui então martyr do genio! A victima crucificada na porta da egreja não era das que dizem: «Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!» Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que tambem o boticario em paz. Poeta era eu só n'aquelle quadrado de dez leguas: avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberara, abafaria aquelle respiraculo da detracção inimiga.

O padre mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que me aquella terra ingrata queria comer.

Ahi está ingenuamente escripta a historia das minhas primeiras poesias de mais tomo: a *ode* e a *satyra*.

Qualquer espirito reflexivo, com tão infausta estreia já para o coração já para as costellas, arrancaria de

si o aleijão fatal da metromania. Pois não escarmentei! Dois annos depois, cursando estudos superiores no Porto, ridiculisei n'outra *ode* um duello incruento entre o marquez de Chardonnais e um meu condiscipulo de chimica. Tambem, á conta d'isto, estive a pique de ser mettido n'uma retorta do laboratorio.

Pouco depois, para d'uma assentada dizer mal de toda a gente, escrevi e publiquei um *poema,* em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes sociaes da minha antipathia. O poema denominava-se O SONHO FINAL.

Escrevi ainda outro *poema* muito maior, intitulado O MISERAVEL. Como quer, porém, que um jornal, noticiando o proximo apparecimento do MISERAVEL, accrescentasse que tal publicação de tal author não podia desmerecer do titulo, isto esfriou-me o enthusiasmo, e queimei um aturado trabalho, em holocausto ao qual eu estudára tão pouco no essencial da mesma carreira, que fui galardoado com um *r* em anatomia, e com a universal reputação de pessimo estudante.

Aqui está o que de mim fez a poesia, até á hora em que ella se me converteu em vida inteira do coração.

Os meus versos estão dizendo que eu nunca estudei os rythmos variados e elegantissimos da poesia moderna. A minha sêde de ideal e de infinito não se apagava com a sciencia das graças cadenciosas, em que funda a sublimidade do poema. Achava eu mais consolação em poetar pelas velhas artes, e consoante o arpejar chão e monotono dos mestres, que eu tinha ac-

ceitado ao sahir da puericia, sem saber que havia outros melhores. Quando, mais tarde, dei tento do atrazo e anachronismo das minhas oitavas-rimas, e superabundancia de hendecassylabos, era fóra de tempo o reformar-me. Continuei a versejar sem arte, e a pensar que o muito do coração suppria bem o desatavio, ou o demasiado alinho da fórma. Se alguma vez me desci da minha pertinaz ignorancia, tentando modelar os meus versos pela acentuação metrica e rythmica dos melhores poetas contemporaneos, sahia-me o dizer tão amaneirado e contrafeito, que acabava comigo em persuadir-me que não havia corrigir o rachitismo da mocidade. Assim, pois, de boa mente e má vontade me apartei da eschola do meu tempo, e, por bem não saber qual havia de seguir, fiquei fóra de todas.

Muitas vezes de mim para mim intendi que a poesia talhada para este seculo não era o que eu estava fazendo; mas tão breve, entre coração e coração, era o stadio da minha cubiça como poeta, e como tudo, que nunca me detive a pensar se eu devia ou podia ensaiar a util, a necessaria, a verdadeira poesia.

Eu via alguns raros exemplos de poetas, cumprindo o dever de evangelisadores: era Alexandre Herculano com a *Harpa do crente;* era Castilho com a sua sancta e indefesa missão de ensinar creanças e fazer mais homens os homens do futuro; era Almeida Garrett aguilhoando o affecto ás nossas coisas, ao talento e á patria, com *Camoens* e *Fr. Luiz de Sousa,* proza melhor que todas as poesias; eram alguns raptos de occasional

inspiração, hymnos nacionaes como a *Bandeira negra* de Mendes Leal, a *Inglaterra* de Alexandre Braga, e alguns cantares enthusiastas d'um soldado academico, que n'aquelle tempo era o Lima poeta, e hoje chamam ahi o administrador do bairro do Rocio (1).

Eram todos modêlos muito de seguir; mas eu nem os rastreava na forma, nem na idea, nem no enthusiasmo. Criminoso egoismo, que eu ainda agora quiz disfarçar sob capa de desambicioso desapreço de tudo que não fosse o ideal, o infinito, o quer que fulge para além do amor á mulher, estrella momentanea d'este céo carregado de tempestades!

Fiquei n'isto n'este nada até aos trinta e sete annos.

Era tempo de acabar, muito antes d'esta idade; mas cá dentro, na alma do homem, sejam poucas ou muitas, temporãns ou serodias as rugas que estão mentindo fóra, o tempo não se computa com a certidão do baptismo... A alma não é da razão.

Agora, sim. N'estes baloiços da minha borrascosa vida, já não vejo estrellas. Está deante de mim um ponto escuro, para onde todos os ventos me atiram. Já não quero saber do timão nem da agulha. Aquelle ponto negro é a sepultura: o esquecimento. D'esta pequena distancia em que estou, vou atirar para lá com os meus ultimos versos: é bem que elles vão adiante de mim.

Lisboa 23 de dezembro de 1862.

(1) Falleceu em 1867.

É CÊDO!

Não posso crêr extincta a grande vida,
que já meu coração viveu... ai! não!
É cêdo, é cêdo! ainda ás vezes sinto,
nas mornas cinzas d'um volcão extincto,
queimar scintilla ardente de paixão.

Relampago fugaz me fulge n'alma;
no sangue sinto electrico vigor;
mais linda vejo a terra, e o céo mais lindo,
desvairo-me em visões d'um mundo infindo;
ressinto o palpitar do antigo amor.

Chimera louca de infeliz que espera,
perdido nauta, a salvação por fim!
Desceu perpetua noite em minha vida;
o meu dia lá vai; a alva querida
já mais tem de raiar, já mais, p'ra mim!

É triste!... Mal sabeis que sangue é esse,
que vem no pranto de quem diz: «sou só!»
Terrivel deve ser o desconforto
d'aquelle que apalpou no peito morto,
em vez do coração, urna de pó!...

Não mais se vibram n'alma os grandes hymnos
tangidos pela mão do ignoto Deus;
não mais se exalça o canto do estro ousado;
que o genio cae, e roja-se aviltado,
nem ousa mais fitar olhos nos ceus.

A gloria? não mais luz aos sonhos d'elle.
Vaidade? nem do genio a tem, se quer.
A gloria! oh! quanto é bella, quando é filha
do coração, e reflectida brilha
na fronte pura e virgem da mulher!

Sem amor, sem paixão, que valle o genio?
É dom maldito que exaspera a dôr;
é lente que engrandece aquelle abysmo
onde mora o terror, d'onde o cynismo
repelle o anjo bom do sancto amor.

Se eu amasse... talvez sentisse anhelos
que me erguessem do lodo d'este chão
aos extasis de crente onde já pude
levar os sons do mystico alaude,
que immudeceu, exhausto o coração.

Talvez amasse a vida, e amasse os homens,
e cresse na virtude, e ardesse em fé,
e désse a mão aos desvalidos d'ella,
áquelles que, nas vascas da procella,
não podem crer que Deus refugio é.

Não tenho, pois, mais nada sobre a terra?
de ti não pode vir, ó puro amor,
a voz da redempção? Pois bem: a morte
é premio, é galardão... Homem, sê forte;
arrasta á sepultura a tua dôr!

Mas arrastal-a cumpre sem que os labios
revelem de qual dôr escravo és...
A maxima coragem nas turturas
é calal-as. Soffrer, fingir venturas,
é ser maior que a dôr, calcal-a aos pés.

1856.

SAUDADE

Saudade que me does, não fujas, crava
o teu pungente espinho sem piedade;
grava em meu coração, ó deusa, grava
os bellos quadros da florida idade.
Eu amo o padecer. D'esta alma trava;
assombra-a de tristezas, ó saudade!
Calla-me os hymnos do fallaz futuro;
traz-me o passado, e aquelle amor tão puro!

Aquelle amor... Não podem já dizel-o
labios affeitos a mentir amores;
recorda o coração o quadro bello,
mas não podem pintal-o falsas côres.
A phrase é falsa, é fria, é vão desvelo
querer de arido peito haurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo;
em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume;
brilha o sorriso no teu rosto amigo,
ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
o Lucifer maldito do ciume.
Em sonhos, és, qual foste, o dom extremo,
que dispensa, na terra, o Ser-Supremo.

E pude-te perder, thesouro immenso,
após tamanha lucta de incerteza!
E pude arrefecer o fogo intenso
fundindo n'elle a ultima riqueza,
que n'este mundo tinha!... Ai! quando penso
que, n'este amor, senti mais que avareza,
como Job, na penuria demudado,
suspeito que o Senhor me ha castigado.

Recorda-te. Era o sol no occidente;
beijavam-te os seus raios moribundos;
éramos dois n'uma só alma ardente,
voando d'este mundo a novos mundos.
O labio estava mudo; mas vehemente
orava o coração; ambos jucundos,
anhelantes d'amor, n'esse transporte
talvez a Deus pedissemos a morte.

Pedimos, sim: tal foi nossa ventura,
que, logo alli, nos excrucia o mêdo
do breve instante que a bonança dura
n'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
á nossa dôce crença a morte cêdo:
nos extremos da dôr ou da alegria
pede-se a campa como a eu pedia.

Porque te amei eu tanto, se era crime
que o meu amor, egoista e delirante,
calcasse a impia lei que te reprime
pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
de serva humilde o stigma aviltante,
porque fui eu, em louco amor accêso,
fazer-te dos grilhões sentir o pêso!?

Querida, o teu viver era um lethargo,
nenhuma aspiração te atormentara;
affeita já do jugo ao duro cargo
teo peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
de novas sensações; teu peito anciava
ouvindo-me contar entre caricias,
do livre e ardente amor tantas delicias!

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
esse amor infinito e immaculado,
estrella maga que incessante brilha
da alma pura ao casto amor sagrado;
affecto nobre que já mais partilha
o coração de vicios ulcerado.
Não sentes, nem recordas, já sequer?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?

Eu não! se muitos crimes me desluzem,
se pôde trasviar-me o seu encanto,
ao menos uma só não me recusem,
uma só virtude: amar-te tanto!
Embora injurias contra mim se cruzem,
cuspindo insultos n'este amor tão santo,
diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
o opprobrio aviltador da sociedade.

Eu disse-te: «Este amor não te condemna
perante Deus, perante a consciencia;
podes o mundo incarar serena
qual virgem soberana de innocencia;
o remorso cruel não te invenena
o sentimento d'esta eterna auzencia;
se, por ventura, de ti fôr olhado,
não volverás o rosto envergonhado.»

Não é verdade, pois, irmã querida.
que não houve mulher mais adorada?
Escuta o coração: viste na vida,
consagrar-se affeição mais recatada?
Conheces que já mais foste trahida,
nem pódes ser com outra confrontada?
Sabes o que é amor profundo o eterno
que foi meu ceu, e me é hoje inferno?

1857.

SALDO

Vejo-te ainda qual eras
nesses fugitivos dias
de saudosas alegrias
d'um amor, bello ao nascer.
Vejo-te ainda qual eras,
terna amiga, carinhosa,
cara irman, luz milagrosa
nas trevas do meu viver.

Linda eras, tinhas alma
como poucos ter podiam;
e teos olhos me diziam
mil segredos que esqueci.
Linda eras, tinhas alma,
mas queimada pelo lume
d'um frenetico ciume
que me fez fugir de ti.

Anjo fôras, se podesses
martyr ser do teu desgosto;
mas o brilho de teo rosto
era o incendio do rancor.
Anjo fôras, se podesses
esconder no fundo d'alma
essa raiva que se acalma,
quando é puro e nobre o amor.

Reduziste a nada a esp'rança
que me dera a fantasia;
ai! que mundos de poesia
apagaste no meo céo!
Reduziste a nada a esp'rança
em que lia o meu destino,
e por louco desatino
condemnaste á morte um réo.

Condemnas-te, e talvez hoje
muitas lagrimas baldadas
pelas faces desbotadas
te derrama o teu pezar...
Condemnaste, e talvez hoje
em meos braços chorarias,
se, depois das agonias,
eu podesse perdoar...

Já não posso... É tarde, e nunca!
já não és a alma pura
qual te vi, quando a ventura
me mentiu nos labios teus.
Já não posso... É tarde, e nunca!
dei-te amor que eu só daria...
Era immensa esta poesia
de que tu rasgaste os veus.

Posso vêr-te qual tu foste,
mas qual és eu te aborreço.
Rebaixaste o alto apreço
em que tive o teu amor.
Posso vêr-te qual tu foste;
mas qual és, quando te vejo,
sinto dôr, e sinto pejo,
pois vergonha é sentir dôr.

1855.

*

A MENSAGEIRA DO CEU

Estavam sobre relvas matizadas,
de candidas boninas
tres formosas meninas
brincando com as flôres.
A mais nova das tres, inda criancinha
batia as palmas, fitando
o ceu, onde ia voejando
e chilreando a próvida andorinha.

«Ai! quem me déra ir assim tão alta!»
— exclama a innocentinha —
«Ai! quem me déra ir assim voando
«como aquella avesinha!»

Ficou suspirando,
as nuvens olhando,
onde ia voejando
a leve andorinha.
Tão alta voejava,
tão longe, a avesinha!
E a linda creancinha
por ella chamava,
e ella não vinha!

E, desde aquella hora, uma tristeza,
impropria de tão branda natureza,
as faces desmaiou da creancinha.
De vez em quando, á mãe, com voz maviosa,
á mãe, que a tinha em braços lagrimosa,
pergunta se voltára a avesinha.
— Todas voltaram — lhe dizia a mãe. «A minha
não é nenhuma d'estas!.. A andorinha,
que eu vi tão alta ir, não torno a vêl-a!»
E a mãe quantas passavam lhe mostrava,
dizendo: — lá vem ella! — e a creança olhava,
e dizia a chorar: «não é aquella!..»

Assim, n'este ancear, se foi finando,
em quatro primaveras esperando
a avesinha!
Morreu ao quinto abril, esperando ainda.
Já perto de morrer, fez-se tão linda
como flôr a quem Deus dissesse «És minha!»

O que isto foi... quem sabe!?
Em vida e morte ha veus,
que á mão do homem não cabe
erguer, tentando a Deus.
Mas ver a creancinha
Morrer d'aquelle amor!...
Eu creio que a andorinha
foi anjo do Senhor.

VEM

Tenho pensado na morte,
tenho-a visto leda e bella,
como palida donzella
ingrinaldada de flores;
enamora-me a amisade
d'esta fada dos sepulcros;
ella só diz a verdade;
nunca o perjurio, a mentira
maculou seus labios pulcros.
Morte! eu dou-te a minha lyra;
vem, doce esposa, vem vêr,
como em teus braços delira,
com phrenetico prazer,
o teu amante consorte;
vem colher o beijo extremo
sobre o labio agonisante,
de quem dá um riso á morte,
como a um bem do céo supremo.

1856.

SEJA FEITA A VOSSA VONTADE...

Assim vai desastrosa, a rojo, a vida
dos raros homens que dizer-me podem:
«nós, tanto como tu, n'este desterro
«cumprimos um destino amargurado».

Quão poucos elles são!... As minhas dores
não as sonda ninguem, são das que impecem
o respirar consolador da esp'rança.

É tudo escuro como o céo do naufrago,
perdida a fé na salvação, perdido
em si, em Deus o alento! Isto é o inferno!

Tremenda, atroz expiação... Mereço-a.
Sim, meu Deus, o réo curva-se humilde
á sentença. Moral, venceste! Eu soffro
oh! mais que fiz soffrer... E os outros? tantos,
mais réos no crime, e folgam! Justo e sabio
Senhor, vós sois... A Cruz... beijo-a, e bemdigo-a!

1857.

TANTALO

Mulher! onde has descido, que não vejo
vestigios teus no mundo onde hei subido,
queimando o incenso puro de um desejo
trez vezes sancto, e só a Deus devido?
Busquei-te lá no ceu, com teu cortejo
de archanjos, teus irmãos... Tinhas fugido,
fugido para a terra, onde, perdida,
nem memorias já tens d'uma outra vida.

E, a buscar-te assim, vão indo tristes
meos dias já tão longos! Longos annos
contai na vida breve, se não vistes
durarem muito os magicos enganos.

Anhelos infantis, que me fugistes,
d'esta vida mostrando-me os arcanos,
volvei, sonhos, volvei ainda um dia,
descei sobre o meo leito de agonia.

Deixai que eu veja o ceu da minha infancia,
aquelle ceu de estrellas namoradas
por onde volitava esta alma em ancia
de crenças que nem já tenho sonhadas!
Deixai-me inda espirar essa fragrancia
das balsamicas flôres cultivadas
por mãos de fadas, que lá vão perdidas
comvosco, ó crenças, nunca mais volvidas.

Eu fui sempre infeliz. Alma abrazada
em arrôbos de amor, sempre impossiveis,
seguindo uma visão, palpava o nada,
o nada... o vacuo... sensações horriveis!
De novo erguia a crença despenhada
aos mysterios do amor incomprehensiveis;
e, quando a esperança, toda luz, radiava,
repentino pallor meu ceu toldava.

Que valêra ter peito enthusiasta
por formosas chimeras d'esta vida?

Sonhar o bello, em vão, é dôr, e gasta
a alma em vãos desejos consumida.
Não é maldade, não, que nos arrasta
ao baixo affecto de alma desflorida.
Ha delicias no amor? anceias têl-as?
desce aqui do teu ceu para intendêl-as...

É isto o coração? a vida? o homem?
amor é isto só? n'um goso breve
se apagam mil vulcões que nos consomem,
e amarga esponja as lagrimas imbebe?
Aonde, aonde, essas visões se somem,
visões queridas do sonhar tão leve
na dôce madrugada dos amores
em que é dôce o sentir ligeiras dores?

Ai, não! A vida é mais... A bella imagem
o rútilo phantasma que extasia,
que nos fascina, e dobra á vassalagem,
e, a cada instante, a crença ludibría;
essa eterna visão, fallaz miragem,
que aos labios sequiosos nos mentia,
segue-nos sempre, ou sempre a nós seguimos,
e, ao pé da campa, ainda a lá sentimos.

O que é dizer: estou morto? Van mentira!
não morrem corações predestinados
para este amor intenso que delira
em febre de desejos malogrados.
Em quanto um hausto de ar o peito aspira,
em quanto os olhos buscam abrazados,
sobre a terra a mulher, que Deus não fez.
não se morre... agonisa-se, talvez!

1857.

PERDIDA!

Veloz, qual fleha impellida
o meu cavallo corria . . .
eu tinha a febre da raiva,
abrazava-me a agonia,
e o cavallo generoso
o meu odio concebia.

Os precipicios transpunha
sem as redeas soffrear!
Longe, ao longe eu anciava
este horisonte alargar;
procurava mundos novos,
faltava-me ali o ar.

E, de relance, deviso
linda flôr em ermo val,
mal aberta, e aljofrada
pelo orvalho matinal,
rescendendo, solitaria
seu perfume virginal.

Nenhum homem lhe tocára,
nem talvez a vira ali!
Tive orgulho de encontral-a,
que outra mais bella não vi.
Mas o impeto indomavel
do cavallo não venci.

E perdi-a! Não me lembro
onde vi tão linda flôr!
Sei que lá me fica a alma
como um feudo pago á dôr.
Outros labios virão dar-lhe
fervido beijo d'amor.

1850.

A SHAKSPEARE

Aguia soberba, que n'um céo de fogo
adejas como o raio das tormentas,
e estalas como o choque dos coriscos!
Aguia britannica, rei mais laureado
que os reis de Westminsther! Surge, ó grande,
e ensina o que é da scena arrojo e audacia;
ensina os chilros bardos d'estes tempos
a lerem sobre as lapides de Roma
quaes grandes corações ahi revivem
á tua voz, ao teu fulgor, oh Wiliam!

1861.

O ANJO

Carlos Alberto, o campeador de Italia,
ao ver fugir-lhe o anjo da victoria,
o diadema arrancou; mas cingiu outro
— o diadema dos martyres, que o foram
do resgate dos seus. E, peregrino,
um tumulo buscou em livres plagas,
e viu sobre as severas penedias
d'aquelle torvo Douro, entre os destroços
de heroicas pugnas, o paladio, o berço
da Liberdade. «É aqui!» o martyr disse.

E o Porto, a um tempo, amargurado e alegre,
sahe ao encontro do Rei, e os pés lhe inflora.
O bravo de Novara erguia a fronte,
alquebrada de magua, e o regio aspeito
abria n'um sorrir de grata alma.

Aquelle povo amava o Rei sem reino;
amava a desventura com tal porte
de coragem christan, paciencia, e honra.

Quando o Rei se escondeu em soledade,
n'um recanto do Porto, e, ali, cruzando
as mãos serenas sobre o peito anciado,
em ancias d'outra luz, sorria á morte,
este bom povo desta livre terra,
em chusmas se ia aos atrios do seu hospede,
e, triste e lagrimoso, perguntava
pelo Rei, pelo amigo, e pelo sancto:
— que «santo» lhe chamavam quantos viram
Carlos Alberto a oscular a imagem
da Virgem Mãe de Deus, que, desde o campo
da batalha final, com elle fôra
na dolorosa via do destêrro.

Chamava Deus o martyr. Morre. E a nova
nos bronzes vai gemendo, e o povo chora.
O cadaver, cercado de mil cyrios,
está patente; e o povo ora em joelhos,
e crê que tem por si nos ceos um sancto.

Estava em gloria divina
a alma santificada
pela dôr de ver quebrada
contra a servidão a folha
da cavalleirosa espada.
Estava em gosos dos ceus
o coração que levára
ao seio do eterno Deus
sua redemptora espr'ança,
que na terra não vingára.
E, de lá, vendo que dôr
deixa ao triste Portugal,
cobra-lhe extremos d'amor
como a terra a quem pedira,
na sua angustia mortal,
um leito d'onde despira
o seu alento final.
E, grato aos prantos do povo,
pede a Deus um dos seus anjos,
para dar exemplo novo
de affeição a Portugal.

Concedeu-lhe o Senhor um dos seus Anjos.
Eis, n'um raio de sol e graça, desce:
veste as fórmas humanas; eil-o virgem,
com quantas prendas seraphins lhe ensinam.

*

Diz o santo ao seu Deus: « Aquelle Anjo,
« que me d'estes, Senhor, é de meu filho
« a filha amada: inspirai-os ambos.
« Fazei que ella me seja o dom celeste
« com que eu possa pagar a portuguezes
« o muito que me deram de seus prantos.
« Concedei-m'aa Senhor, que eu quero dal'a
« Ao Rei dos homens livres. »
Disse. E o Eterno,
sorrindo á gratidão da nobre alma,
ao Rei de Portugal concede o Anjo.

NADA!

Nem saudades, nem esp'ranças!
No meu passado não vejo
uma so das mil imagens
que, de leve, me espertaram
no coração um desejo.
Do futuro nada anhelo,
pois não sei se tem o mundo
um prazer que me suavize
este desgosto profundo,
este enojo da existencia
luz funerea amortecida,
a que chamam alma e vida...
alma e vida! — não! *inferno.*

1857.

A JOSÉ BARBOSA E SILVA (1)

Queres amar, e não podes!
Já não tens a alma abrasada
da mocidade arrojada!...
Pois não és tão novo ainda?
Quem te murchou tantas flores
que tinhas no coração?
onde pára a imagem linda
de teus versos sempre amores,
d'esse amor, sempre paixão!?

E soffres por que não amas!
e foges triste do mundo,
e, solitario, derramas
sangue d'um golpe profundo
com que sahiste d'aqui!

(1) Falecido em 1865.

E soffres por que não sentes
pulsaçoens vivas, candentes,
das que te deram tal morte,
e pulsavam só em ti!..

Mancebo, tu és ingrato
á Providencia! não sejas.
Revê-te bem no retrato
do teu passado, que almejas,
e verás quanto amargoso,
quanto mais era pungente
o travor d'aquelle pranto,
aquella dôr sem repouso,
sempre aquella sêde ardente
d'um goso ás vezes tão sancto,
e outras vezes... infernal!

Não te lembram já as noites,
longas noites sem descanso,
sem provar o dormir manso
que asserena a phantasia?
Tens saudades de uma quadra
em que um rapido sorriso
traz uma acerba agonia?

em que o gladio fulminante,
nos umbraes do paraizo,
te mata o inlevo anhelante
que sonharas teu, n'um dia?

Queres amar? ai! não queiras!
que o amor não serve a todos;
n'uns é vida, e n'outros morte;
e as paixoens, sendo as primeiras,
são tão diversas na sorte
das que sente o homem feito!
Vão tão fundas as raizes
do soffrimento no peito!
Essa saudade, que dizes
ser do amor o galardão,
é viva ancia no adulto,
é sobresalto e tortura,
incerteza e afflição.

Agradece a Deus, amigo,
por que só poder dos ceus
pôde salvar-te das penas,
que tu vês hoje comigo,
que senti paixões pequenas,
e as pedi grandes a Deus.

Concedeu-m'as, e tamanhas
que... bem vês: enfraqueci!
fui de rojo aonde pude
para abraçal-a... e alli...
encontrei um corpo inerte
como um gelido athaude!
Era forte, e succumbi;
tive orgulho do sarcasmo
que hoje em lagrimas reverte...
mas que lágrimas!... Eu pasmo
do que fui, e sou... vil terra!
quem dirá quantas feições
esta minha vida encerra!
Tanto amor, tantas paixões,
qual é d'ellas a mais nobre?
Quero erguer, o veu, que as cobre...
do que fui já nada vejo,
por que sou escravo... espanta-te?
por que alquebrado rastejo,
e não posso já dizer:
«homem do orgulho, levanta-te!»
homem do orgulho!... que é d'elle?
Eis-te, pois pequeno e vil!
ostenta louca soberba,
inconcebivel reptil!

Não sondes, não, este abysmo
onde não ha salvação!
Se não tens luz de esperança,
se gelou teu coração,
amigo, um pouco descansa
á margem da sepultura...
Olha: o amor dá vida um dia;
luz n'um raio de alegria;
mas, depois, a sombra escura
faz-te noite infinda n'alma.
Tanto anhellar! que tristura!
que zombaria! que palma
para tamanhos martyrios
em que voluntario e ditoso
ha annos me despedaço!...
hontem luz, crenças, delirios,
hoje um cahos pavoroso!
hoje amor ardente ancioso,
ámanhã tédio e cansasso!

1854.

A BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

Inspirado cantar das « Harmonias »,
singello Bernardin, valido e amante
da louçan natureza, tu, na terra,
sentiste o coração cheio de affectos,
d'eternas flores, candidas chymeras;
tu só, talvez, na terra amanheces-te
amando a luz, que não se apaga nunca,
a luz, que te dourou da vida o occaso.

ERAS TU

Eras tu, irman dos anjos,
aquella imagem tão linda,
que eu recordo agora ainda,
e tantos annos lá vão!
Eras a luz ondulante,
que scintillavas errante,
quando, em ancias, delirante,
te buscava o coração.

Os meus olhos mal sabiam
conhecer a formosura,
mas a alma prematura
te sonhava linda assim.
No céo, na flôr, que magia!
Não sei que era o que eu via;
sem saber o que sentia,
sentia o céo dentro em mim.

Eras tu. Lembra-me, á tarde,
n'aquellas horas d'amores
em que o perfume das flores
filtra vida ao coração,
lembra-me vêr-te, indecisa
como a sombra que desliza
nas folhas que a leve briza
beija em dôce agitação.

Quando, mais tarde, a belleza
os sentidos me incantava,
já minh'alma se abrazava
n'outro fogo d'outros ceus.
Via uns olhos... ai! se via,
nas densas trevas, no dia,
e eu de amor d'elles morria,
que esses olhos eram teus.

Que presagio! Era um mysterio,
um fallar d'anjo invisivel,
uma voz imperceptivel
que me vinha assim dizer:
«Quando um rosto peregrino
«te dér esse olhar divino
«que ora sonhas, teu destino
«é amar, depois... morrer!»

Eras tu! Já morta a crença,
a meia estrada da vida,
julguei extincta, perdida
a suspirada visão.
Muitos annos decorridos,
eram já, e, já sumidos,
chorava os olhos perdidos
como a luz da salvação.

Muitas vezes me enganára
a ancia d'elles, e eu ia
beijar um rosto que via
com olhos cheios d'amor.
Que dolorosa chimera!
era lindo, mas não era
um certo olhar, que eu quizera,
de queimar-me em seu ardor.

Eras tu. Agora sinto
que o eras anjo da vida,
por que sinto renascida
a mocidade, a paixão.
Era um impio atheo, e adoro;
não tinha prantos, e choro;
era um cynico, e córo
quando aperto a tua mão!

Amor d'alma é isto! Oh! crê-me...
nunca foste assim querida,
nem viste assim abatida
tão fórte alma a teus pés!
sinto-me grande ao teu lado,
soberbo de ser amado...
Podésse eu ser inspirado,
para dizer o que és!

1858.

QUEM TE INSPIRA?

Quando tristes versos fazes,
quem te influe a inspiração?
Quem te ensina os brandos hymnos
que prantea o coração?

Dize, fada carinhosa,
dize, luz da minha vida,
se do ceu te inspira um anjo
a canção meiga e sentida!

Eu, por mim, quando desprendo
de minha alma um triste hymno
só me inlevo, e só me inspiro
d'esse teu rosto divino.

E, se, mais tarde, na alma
se apagar tão sancta luz,
hei de elevar os meus cantos
só a Deus, aos pés da cruz.

E essa cruz, que symbolisa
dôr e fé, crença e amargura,
seja a lenda, a historia, a pompa
d'uma raza sepultura.

1852.

DEUS NÃO QUER

Flor, colhida entre espinhos
de teos prantos orvalhados,
reverdece aos meus carinhos,
torna aos teus dias doirados.

Vê se ainda achas na vida
a ventura, a paz, e o bem,
que a não dar-t'os eu, querida,
não t'os ha de dar ninguem.

Que presentimento escuro
te inlucta a alma opprimida,
quando em teu rosto tão puro
transluz a dôr desabrida?

Se não vês em mim o ente,
que pediste afflicta a Deus,
é que o Eterno não consente
que desçam anjos dos ceus.

1859.

NÃO MORRAS!

Não morras, coração; recobra alentos;
na taça da amargura nutre a vida;
nos venenos mortaes, alma abatida,
inergia acharás alguns momentos.

Não fujas d'affrontar novos tormentos,
não vergues ante a dôr já presentida;
caminhe ao cadafalso, fronte erguida,
quem soffre ha muito os paroxismos lentos.

Fui grande ante mim proprio; ergui ufano
a face entre os mimosos da fortuna,
cuspi-lhes a grandeza, o orgulho insano.

Ergueu minha soberba alta columna;
firmeia-a no trabalho... Oh cego ingano!
lançou-m'a em terra a mão da desfortuna.

1857.

VAI!

Filha, vai; e os anjos encham
o teu caminho de flôres,
e defendam tua alma,
tão magoada d'outras dôres.

Filha, vai; que a minha prece
feita a Deus não será vã;
eu lhe rogo mande um anjo
entre ti e tua irmã.

Anjo de paz, que vos diga:
« Vivei dias de ventura;
« Deus acolha os prantos d'uma,
« e da outra a alma pura.

« Para ti, irman tão cara,
« santo modêlo de mãe,
« para ti um seio amigo
« que de ti viva tambem.

« Para ti, palida virgem,
« que tão cedo a dôr tortura,
« para ti, o ceu, a gloria
« onde eterna luz fulgura. »

Assim, filha de minha alma
de joelhos peço a Deus,
que, chamando ao ceu um anjo,
te desça outro dos ceus.

Desse enviado os segredos
eu t'os direi... Serás forte!
Quanta força tem a alma
que sabe ir do amor á morte!

Heide ensinar-te o segredo
de abafar nos seios d'alma
aquelles prantos que regam
do martyrio a doce palma.

Só um filho da desgraça
resgatado pelo amor,
esse só para infelizes
tem o balsamo da dôr.

Ai! não peças n'este mundo
que te confortem: ninguem
saberá enchugar prantos
d'esses que a teus olhos vem.

A dôr nos liga: vivamos
de nossas magoas contentes;
seja uma só a alma,
sejam dois os padecentes.

1850.

ENLEVOS

Não sentes, não ouves um hymno tão pulcro,
sem lettras, sem notas, sem voz conhecida,
um hymno, que é d'anjos, se os anjos descantam,
em psalmos celestes, mysterios da vida?

Não vês, como eu vejo no ceu bonançoso
por tardes estivas, no ermo a scismar,
estranhas imagens de nuvens vestidas
Contando segredos ás vagas do mar?

Não tens, como eu tenho, saudades d'um tempo,
fulgor instantaneo da infancia... não tens?
Não vês que tão caros os gosos se compram?
Que penas em troca de tão raros bens!

Quizeras que um anjo te désse o destino?
Quizeras prever n'este mundo um laurel?
Não queiras que os anjos eleitos da gloria
Tem n'este desterro o seu calix de fel.

A vaga tristeza, que ensombra o teu rosto,
não sei se tormentos futuros prediz!
Tão bella, tão nobre, tão pura em desejos,
quem póde no mundo fazer-te infeliz!?

Eu, não! que a virtude respeitos inspira
ao vicio, que ás vezes simula desdens.
Não creias que possam perversos... não podem
as rosas calcar da grinalda que tens.

Não temas! Confia no ceu que te manda
mostrar-me visivel a imagem de Deus,
na face, onde brilham explendidos traços
dos anjos que os homens namoram nos ceus.

1851.

VISÃO

Que linda fada era aquella
que eu vi, d'archanjos rodeada,
descer-me ao berço! que estrella,
tão propicia e bem-fadada,
me mostrou, dizendo: « é tua! »
Como depois entre as ondas
da luz etherea fluctua
subindo ao ceu d'onde veio!
Vem, outra vez, não te escondas,
vem, meiga fada, a meu seio,
vem ver os bens que me deste,
estes bens . . . que bellos são!
vem ver os lindos prodigios
do teu propicio condão! . . .

NUNCA MAIS!

....

Nunca mais hei de vêr-te! Ahi vais perdida!
perdida hei de chorar-te, em quanto o sangue
subir do coração em pranto aos olhos.
Custa muito morrer... Fibra por fibra
a vida se deslaça; horrentes dores
nos custa o desfazer-se esta materia
em que a alma se estorce, vasquejando
em longo agonisar! E eu hei de, vivo,
gelada mão levar ao seio frio,
sentir rossar-me a fronte encanecida
a negra aza da morte, e viver inda!

Nunca mais hei de ver-te, ó pobre amiga!
ó meu sagrado amor, que tantas maguas
colheste nos jardins que a phantasia
apaixonada e terna te amostrára!
Melhor te fôra a triste soledade
n'aquelle captiveiro em que gemias
anhelante de amor nunca sentido!

Por que fui perturbar tua tristesa
em que tinha, talvez, doçura o pranto?
Guiou-me a ti a mão do meu destino,
negro destino! eis-me instrumento acerbo
de rancor!... Filha! que innocente soffres!

Como eras linda, que gentil tu foste,
n'aquelles dias lympidos de virgem,
em que meus olhos mal erguer-se ousavam
fitando o resplendor da tua fronte!

Se o ceo se abrisse então, ó desditosa,
se morresses então, deixando apenas
signaes na terra d'um fugido archanjo!..

1860.

ESPERANÇA!

Esperança! luz pura, luz divina
da lampada, que brilha em mãos do archanjo
consolador de maguas, Esperança,
como é doce o bafejo que me côas
nos ardentes abysmos de minha alma!
Ai! ainda vos verei, imagens caras,
que já nesta mansão de horas ditosas
sorriste á minha crença? hei de ainda vêr-vos
dourando a vida ao anjo que a desgraça
não quer que volva a mim, sem que meus prantos,
prantos de agra saudade a culpa expiem,
a culpa de o roubar ao chatim tôrpe,
que negras vende, alem, compra aqui anjos?!.

1855.

CANTA!

Ai! quantas vezes, ó triste,
esse teu saudoso pranto
desafogaste no canto!
Ai! quantas vezes sentiste
mais precisão de chorar!..
Ai! canta, canta, que ha prantos
no teu plangente cantar!
Ao cantar te acode a infancia
com seus sorrisos e flores;
feres notas que te fallam
como fallavam amores;
outras são suspiros d'alma,
mas todas tem seu gosar...
Ai! canta, canta, ave triste,
quando quizeres chorar.

A RACHEL

Nos teus olhos refulge a aureola santa
dos anjos do Senhor;
de tua doce voz o timbre encanta
como hymno de amor.

Escaldam-me os teus labios que resfolgam
a flamma d'um vulcão.
Teus beijos são delirios como a febre
de ardente coração.

E quem te ha dado o estro, o inlevo, a alma,
o genio, o fogo e a luz?
Se o martyrio te alquebra, acceita a palma,
e inflora a tua cruz.

O TEU RETRATO

Que linda és tu, oh luz da minha vida!
que doce me é com lagrimas banhar-te!
Se eu podesse, morrendo, a vida dar-te,
tu davas-m'a no ceu mais reflorida.

Não eras tu sem mim, oh flôr, perdida?
Ousariam mil mãos, oh flôr, tocar-te;
mas nenhuma soubera o peito dar-te
onde a face encostasses esvahida.

Sou soberbo de ti; grande me sinto,
se a fé me diz que sou de ti amado,
com tanto amor em lagrimas distincto.

Quem póde a mim chamar-me desgraçado?
Persiga-me um algoz de odio inextincto...
embora!... eis teu retrato!... Estou vingado!

1857.

DUAS FADAS

Duas fadas, com certeza,
te fadaram, alma pura:
a boa deu-te a belleza;
deu-te a má a desventura.

A fada amiga não cessa
de alindar-te, ó anjo, não:
e a funesta fada, ai! essa
deu-me a mim o seu condão.

PORQUÊ?

Abençoado o sonhar d'aquella idade
em que a vida deriva sobre flores,
buscando o goso, onde, mais tarde, as dores,
sem ser buscadas, vem!

Por que os sonhos tão rapidos se esvahem?
Das bellas illusoens uma não vingas,
que a gélida razão te não deslusa
com o rir do desdem!

DEUS É BOM

Se o acerbo fel dos prantos
corroe o coração,
e ao desditoso tira
do choro a expansão,
abençoada é a morte,
se ao martyr Deus a envia;
abençoada é a ancia
da ultima agonia.

Deus é bom. A esperança
renasce ao pé da cruz:
— áquem da campa, as trévas
e além, luz sobre luz,
a luz da eternidade,
o dia refulgente
do martyr que se dobra
chorando penitente.

*

MALDITA!

I

Maldita!... que importa que o mundo te brade,
e a infamia na fronte te escreva: « maldita! »
O Christo, no lenho da dor infinita,
tambem foi maldito da raça precíta,
e Christo era Deus.

*

A cada martyr um anjo
vem pressuroso dos ceus,
e ao Senhor leva uma prece,
como a tem os labios teus.

II

Maldita!... porque? Porque adoras teu filho,
e desces com elle aos abysmos, cuidando
que a paz te convida, e volves chorando,
maior desventura na terra buscando
com ancia de mãe!

*

Está no ceu uma Virgem
que teve um Filho tambem;
premios de mães extremosas,
Ella em seu regaço os tem.

III

Maldita!... porquê? Se, cahida do fausto,
em ferros escondes a rara bellesa,
que tinha o segredo que faz a riqueza,
e exalça por thronos de brilho em torpesa,
de encanto e magia!

*

E a sociedade ultrajante
com que cynismo diria:
«Criminosa, sim, mas bella!
«N'ella o vicio tem poesia.»

IV

Maldita! Verias, se o ouro jorrasse
das mãos, com que enchugas o pranto sagrado,
verias, a rôjo, no chão tapetado
de teus aposentos, o mundo aviltado
cantando hymnos vis.

*

Tu não sabes que o peccado
junto ao despejo é feliz.
Quantas vezes a virtude
lhe acurva, cega, a cerviz!

V

Bemdita, bemdita, ó martyr, tu sejas,
que um dia sonhaste a ventura no amor!
Caiste da altura dos teus devaneios,
caiste, e choraste, e a chorar correm cheios
teus dias de dôr!

1859.

Á BEIRA-MAR

Rugi, tufoens, rugi! Minha alma folga
de ouvir as convulsoens da natureza.
Roçai nos astros, vagas da procella!
cortai, coriscos, as profundas trévas!
brami, ondas do mar, qual urra o tigre
sequioso de sangue! Bello! é bello
contemplar-te, oh noite, assim fremente
de rabidos bulcoens! Oh! quanto é grande
a angustia do homem, que se apraz de ver-te!
a angustia do homem, que, soberbo, encara,
qual Lucifer, da mão do Eterno as iras,
a pujança que assombra o verme e o homem!

A SAUDADE!...

Não pedi tanto, Senhor!
Ao ver-me só, sem alento,
sem amparo no tormento,
sem coração, sem amor,
que vos pedi, Deus do ceu?
— agonias não sentidas,
uma vida como a vida,
que infeliz algum viveu;
pedi despreso e desden,
ciumes, furias, insidias,
infamias, torpes perfidias,
tudo quanto o inferno tem!
Tudo pedi, na afflicção
da medonha soledade,
tudo pedi, mas saudade,
ai! a saudade é que não!

AOS TEUS OLHOS

Quando me inlevo absorto
em contemplar-te, oh formosa,
olvido que és desditosa,
luz-me o ceu n'esse teu horto.
Cuido que todas te invejam,
e que a Providencia te deu
nas graças, que homens desejam,
o amor d'anjos do ceu.

Tem o ceu magas estrellas,
a terra esmalta-se em flôres,
mil cançoens dizem amores,
ha mil coisas todas bellas;
ceu e terra se recamam
de feitiços divinaes;
todos amor proclamam,
mas teus olhos dizem mais.

AMOR DE MÃE

Fez Deus o homem. E logo,
para completar-lhe a vida,
deu-lhe uma esposa, rebelde
á condição prescrevida.
Come ella a fructa prohibida,
e excita á culpa o consorte,
e comsigo o esposo arrasta
ao trabalho, á dôr, e á morte!
Vêde que infaustos começos
teve o amor conjugal,
contra os mais remotos evos
no seu éden terreal!

Formou Deus irmãos, pensando
que o terno amor fraternal
seria um molde de affecto
puro, ardente, angelical.

Pouco depois, torvos odios
lhes filtram n'alma seu fel;
ressalta fraterno sangue:
é Caim que mata Abel.
Vêde que lance hediondo
do antigo amor fraternal!
Procurai amor mais nobre
n'esta caverna infernal.

Amor de pai? Ponde os olhos
nos visos d'aquelle sêrro,
lá onde o lume flammeja.
Vêde o pai que assoma á beira
da crepitante fogueira,
e seu filho o segue e arqueja,
e tressua de afflição.
É Izaac, a tenra creança,
que ali ás chammas se vai
morrer ás mãos de seu pai,
o sancto, o austero Abrahão!
Vêde que exemplo tão feio
do paterno, antigo amor!
Dai-me outro amor como prova
d'um perfeito Creador.

Amor de filho? Ora, abride
o augusto livro da fé.
Eil-o n'um leito prostrado
o vinolento Noé.
Os proprios filhos descobrem
aquella infame nudez,
e riem do pai, do velho
sopito na embriaguez.
Citai-me outro exemplo. É crivel
que não haja um só d'amor?
Das tão ricas mãos do Eterno
não podeis dar-me um primor
de affeição immaculada?
Ah! bem sei! uma, e sagrada,
que, na historia do universo,
sem opprobrio, até nós vem...
dizei-me as mil maravilhas
do amor sublime de mãe.
Este sim, que, até nas lendas,
inspira assomos de fé!
Tendes peito que não bata
áquella angustia, que mata
e petrifica Niobé!

Eu sei que ha provas divinas
como um anjo m'as daria:
tu, sacra biblia, me ensinas
as lancinantes tristezas
de Rachel e de Maria!

Graças, meu Deus! Sei agora
que amor puro a terra tem;
á vossa gloria um só basta;
é um só: AMOR DE MÃE!

A RACHEL

Choram-te os anjos, flôr, cahida á terra
do regaço da Virgem. Pomba errante,
no ar que impeçonhava humano halito,
tu viste a luz radiante
d'aquelle amor do ceu, arrobo d'alma!
voavas toda amor, toda delirio
sem ver gotejar sangue a treda palma
das honras do martyrio.

Que fizeram de ti, manso holocausto
de fementidas aras lagrimosas?
De ethereas illusoens sorveste um hausto
que não era dos ceus.

Ai! vê se pódes, anjo, inda salvar-te!
Desfere para o ceu teu vôo ainda;
ai! foge para Deus, oh pomba linda,
que eu vou buscar-te em Deus.

Não vás. Acceita o calix. Sobe a encosta
por sobre espinhos que o teu pranto rega.
Acceita o teu calvario; acceita-o, victima,
sê minha redempção!
Perdeste a luz do ceu? lança-te cega
ás voragens da dôr! Á luz maldita
d'este inferno, verás com fogo escripta
a minha maldição!

Não vás sem me remir. Tens certa a gloria,
é tua patria certa a luz dos tristes!
que importa um dia mais no teu martyrio?
Por ti me salvarei.
Reverdece na fé, pallido lyrio;
bebe orvalhos do ceu, recobra alento;
por mais um dia teu d'agro tormento,
comtigo ao ceu irei.

EM FRENTE DO TEU RETRATO

Como tu és bella e amada!
Como a Circassia te inveja
os arcos negros que inquadram
teus olhos onde lampeja
fogo do genio e paixão,
faiscas vivas da lava
que te escalda o coração!
Na fronte lisa e escampada,
que translucido talento!
Que bello espelho do vago
volitar do pensamento
n'um orbe todo de luz,
em redor do ideal no bello,
que te arrebata e seduz!

Nos labios te nascem beijos
como as espontaneas flôres,
beijos calidos, ou ternos
dos que refrigeram dôres,
ou abrazam sensaçoens;
beijos de mãe na ternura,
beijos de amante em vulcoens.

DEIXAI-A!

Deixal-a não saber que ha nas cidades
o baile, o theatro, a luz que doira as galas
e a belleza encarece; antes deixal-a
sonhar o que é do ceo, sonhar desejos,
que esquecidos se vão, mal vem do ceo
baixando, ante-manhan, a luz que enchuga
as humidas alphombras de boninas.

Não lhe digam que a vida assim é triste!
Deixai-a, ó gosadores d'ebrios gosos,
deixai-a, á bella aldean, cuidar que o mundo
lhe está dando o que tem, no curto espaço
de selvas, veigas, fontes e montanhas.
Ides acordar virgem que ainda sonha
as canduras celestes, relembradas
d'outra vida anterior? não vades, impios!

*

Olhai em deredor de vossos édens:
vede a innocencia a resvalar no opprobrio!
Na fronte pura de hontem já ressumbra
o rubor, que ámanhan será ferrête!
Salva o cynismo? rehabilita a affronta?
não! quanto mais de gala o crime traja
mais nauzêa a nudêza do despejo.

E é isto ser feliz? E chamais triste
aquelle ermar da descuidosa moça
por entre flores, e arvores, e fragas?
E doe-vos vêl-a assim!.. ó vil piedade!
E ousais dizer á flôr do ceo que ha ditas
que endoidam de prazer — magos perfumes
que, em troca, lhe hão de dar vossas cidades,
onde ha virgens, qual ella, em ceos de amores!
e o baile, o theatro, e a luz que doira as pompas
e a bellesa relustra! Ó vil piedade!

Não vades disputar a Deus um anjo!
Deixai ao sol a doce namorada;
deixai ás selvas a gemente rôla,
que o seu gemer saudades são do empyreo.

BENEFICENCIA

(Poesia recitada pela actriz Emilia das Neves e Sousa, em beneficio a favor das victimas da peste)

Memorias pungentes d'angustias acerbas,
minha alma dorida vos chama, voltai!
Não póde esquecer-vos a esposa indigente,
o velho sem filhos, a creança sem pai.

Durante esses dias de prova tremenda,
funerea se via nas faces a dôr;
nas faces de todos o pallido medo
mostrava das almas o assombro, o terror.

Porém, quando a voz compassiva do eterno
mandou o terrivel açoite suster,
de novo raiara nas faces serenas
a paz, o descuido, o conforto, o prazer.

Em todas? ai! não; que ha prantos eternos,
e magoas que allivio do tempo não tem;
saudades, que o espinho da fome exacerba,
desgraças occultas, que não sonda alguem.

A hora do allivio, da paz, da bonança,
ai! quantos d'aquelles a esperam de vós!
de quantas moradas de occulta indigencia,
de nós não sabida, se ergue uma voz!

Bem hajam, bem hajam as mãos dadivosas
que prestam seu balsamo em tanta afflicção;
de par co'espectac'lo d'um grande infortunio
ha destes que mostram haver coração.

Que venham de fóra nações orgulhosas
soberbas d'um brilho fallaz, e impostor,
aqui ver esforços de patria alquebrada
valendo a seus filhos nas ancias da dôr!

Aqui nestes lances se ostenta sublime
o genio d'um povo d'amigos e irmãos;
nas crises que trazem co'a morte a miseria
quão fartas ao pobre se estendem as mãos!

O cunho indelevel d'um povo polido
parece que os anjos lh'o imprimem dos céos;
consiste nos dotes das almas piedosas,
que fazem da esmola um preceito de Deos.

Lá fóra, nas terras que ostentam, vaidosas,
grandesas e pompas que não temos cá,
as parcas migalhas, que valem ao pobre,
não partem da alma, o orgulho é que as dá.

Baniram a antiga palavra do Christo,
palavra do céo, toda amor, e igualdade!
ha outra que importa bem pouco que a digam...
aos nossos ouvidos não diz caridade.

Nós outra não temos que mais nos exprima
os feitos piedosos que vimos então,
n'aquelles tão tristes successos, que ainda
recordam proesas de esforço e de acção.

Descera do throno o monarcha adorado
a morte affrontando... que exemplo de reis!
lá onde mais torvo devasta o flagello
ahi mais intrepido e sereno o vereis.

As mãos supplicantes de tanto indigente
encontram aberta e fecunda essa mão,
que veste a nudez miseranda do pobre
e os prantos enxuga da extrema afflicção.

Que exemplo! E a um tempo de todas as almas
renasces, ó sancta, efficaz caridade;
e ainda em teus seios abunda este nectar
que nutre a viuva e a triste orphandade.

A voz, que vos chama ao concurso da esmola
encontra-vos sempre! As bençãos dos céos
vos cubram de bens, quando as preces do orphão
convertem a esmola em incensos de Deus.

Eu sei os segredos da dôr n'esta vida,
e sei como o pranto da fome se adossa:
por tanto pedi para aquelles que choram;
pedi, fui feliz; mas a gloria é só vossa.

GRATIDÃO

(Recitada pela beneficiada Silva-Rosa, que fôra actriz antes de soffrer a amputação d'uma perna)

Ser artista! o palco! a scena!
quanto amei, quanto lhe quiz!
Que sonhos tive! que louros,
se eu chegasse a ser actriz!
Que esforços grandes fizera
para ser mais do que era,
quando podia estudar!
Foi meu sonho, de pequena,
ser artista, á arte, á scena
minhas lides consagrar.

Se não pude, se a fortuna
seus favores me negou,
tinha n'alma a sêde d'elles
e essa ancia aqui ficou.
Ainda agora, se me esqueço
desta vida, e adormeço,
e sonho... que sonho o meu!

Vejo ainda a arte linda,
ouço os bravos! vejo ainda
tudo... quanto se perdeu!

Fé, desejo, amor, estudo,
esperança, vivo ardor,
tudo cortado d'um golpe,
tudo em prospecto de dôr!
Custa muito esta saudade,
no viço da mocidade,
a quem nada mais ficou!...
Eu tinha isto, e mais nada,
tinha a arte idolatrada,
hoje, assim, que infeliz sou!

Pobre mulher que inda sente
palpitar o coração
de amargas lagrimas cheio,
mas tambem de gratidão.
Se só pude vir á scena
despertar a vossa pena...
quanto posso consegui!
De todo o pranto chorado
o mais pungente e sagrado
é este que choro aqui.

A M* J*

Fugiste, ave do empyreo
a nós, que eramos teus!...
Maria, olha este ergástulo
d'ahi, de ao pé de Deus!

E vê que mão satanica
da infamia ao tremedal
despenha a mansa victima
do altivo pedestal.

Pergunta ao Deus justissimo:
Se a cruz de tua irman
não tem resgate! Ai! pede-lhe,
que a prece d'ella é van.

Exulta, ave do empyreo!
não chega o mundo ahi;
mas vê que o nosso jubilo
comtigo foi d'aqui!

Oh! desce a nós, espirito,
fulgor de pura estrella,
traz-me vida ao morto animo,
e um ósculo sancto a Ella.

A RACHEL

Outros dias virão. Já vejo a aurora
de novo resurgir.
Regada por meu pranto, a flor da vida
começa a reflorir.

O calix foi amargo mais que a morte!
foi coragem viver!
Agora, filha, cumpre orar, pedindo
a Deus um novo ser.

Em meus braços soffreste!... A dôr vehemente
nem lá te respeitou!
Propheta da desgraça, tu previste
o mal que, emfim, passou.

Outros dias virão. E, se a tristeza
lacerante vier,
desafoga a chorar sobre o meu seio,
que o pranto é da mulher.

Passada a hora torva da amargura,
de novo raiará
o bonançoso sol dos infelizes
que Deus nos mandará.

TASSO

(Por Byron)

I

Que longos annos! Que esmagar de ultrajes,
de infamias, de injustiças, sobre esta alma,
que, nos céos, se librava, aguia soberba!
Ai! pobre poeta! Eu... louco! encarcerado
em lobrega caverna, aqui, em ancias
de liberdade e luz, ancias que as fibras
do coração me rompem!...
Tudo ferros!
Nem um raio de sol! Pavidas sombras
nas convulsas pupilas se me infiltram,
e, qual peçonha, o cerebro me escaldam!

E alli... áquella porta aferrolhada,
que nunca mais se abriu, senão nas horas
do pão da esmola, que amolento em lagrimas,
alli... áquella porta o rir maldito
do captiveiro infindo!... E eu, n'este abysmo,
— meu sepulcro, talvez, — qual besta fera
em seu antro, devoro o meu pão negro!
Mortal veneno o sangue já me inflamma;
é immensa esta dôr; mas eu supporto-a;
ponho peito á tortura, e lucto sempre.

Dei azas á minha alma, e fui com ellas,
e o recinto fugi d'esta masmorra.
Entre os homens vivi, cantei-lhe os feitos
de impulso divinal; pairou meu genio
nos céos da Palestina; alcei nos carmes
as sacrosantas pugnas sublimadas,
em honra do SENHOR, que veio á terra,
que lá do céo minha alma fortaleça,
e o quebrantado corpo. Eu quiz, captivo,
meritorias fazer minhas angustias,
cantando os piedosos heroismos
dos bravos que Solyma libertaram.

II

O meu lavor querido está findado! (1)
Fiel amigo, que me foste amparo
annos tão longos, se de prantos rego
esta pagina, a ultima, tu sabes
que eu nunca me carpi em minhas dôres.
Oh minha creação, filha d'esta alma,
que risos toda e afagos vinhas sempre
dilir-me as amarguras da lembrança,
tambem tu vais, e... meu prazer comtigo!
Ai! choro-te, que és golpe extremo, e feres
a já quebrada hastea ao chão pendida.
Eras tudo o que eu tinha; e agora, as magoas,
e tantas... como é que heide illudil-as?...
não sei; mas tem minha alma innatas forças,
que os recursos me dão. Venço as torturas,
porque não sei remorsos o que sejam.

Louco me chamam... Louco! E a causa? A causa!..
que a digas tu, Leonor! tu, sim, que a sabes.

(1) Allude ao seu poema intitulado *Jerusalem libertada.*

Demencia foi, por certo, ousar amar-te;
mas, não, demencia da razão, não era.
Meu erro conheci; e, se não dobro
tão barbaro castigo, em sobra o sinto.
Tu eras linda, muito, e eu vi-te, e amei-te:
meu crime é este, crime que me aparta
da humanidade!... Embora acresçam penas,
póde o meu coração roubar-te imagens.
Gasta a saciedade o amor ditoso:
o mais leal amor é o de infelizes.
Destino é d'elles vêr morrer de mingua
todo o sentir, mas nunca a paixão nobre,
sua unica paixão, que abrange todas,
como as rapidas vagas, que se perdem,
e desfazem no mar... Ai! mar sem fundo,
mar sem balisa, é este amor de poeta!

III

Eu ouço a gritaria infurecida
dos miseros captivos de alma e corpo;
ouço o estalar do látego, que os rasga
e o redobrado urrar dos que blasfemam.

Peores que o phrenesi, ha aqui doenças
que empeçonham as almas d'estes homens,
e os infermos espiritos flagellam,
e, com tormentos vãos, a restea extrema
de luz na mente apagam. Padecentes,
e algozes... eis a classe que me deram!
E em face d'este horrivel espectaculo
longos annos vivi... e talvez morra!...

Embora!... O repousar ser-me-ha tão dôce!...

IV

Paciente hei sido e sou, sempre heide sêl-o...
quasi morta a memoria estava... e agora,
as saudades renascem... Se eu podesse
esquecer, como o mundo aqui me esquece!...
suffocar o rancor a quem me incerra
n'este hediondo covil de infandas dôres,
onde ha um rir, que do prazer não nasce,
onde o pensar não vem do intendimento,
onde o imprecar responde ao grito irado,
e aos golpes o gemido... E cada homem,
n'este inferno, sósinho, e seu verdugo!..

*

São muitos d'este ergástulo os viventes,
por forte e negro muro separados;
mas dos loucos repete o grito o écco.
E ninguem do visinho o grito escuta;
ninguem! eu só que sou entre estes tantos
o ultimo na escala da desgraça!

Suffocar o rancor aos que me aviltam
no conceito do mundo, e me tolheram,
e esmagaram razão e o pensamento!..
Não hão de elles provar estes flagelos?
E o abafado gemer d'intima angustia,
que se esforça em manter sereno o aspecto?
e esta gélida dôr, que humilha o estoico,
e lhe escarnece o orgulho? Ai!.. que não provem!
que forte altivo sou para vingar-me!
As affrontas dos principes indulto:
só peço a morte!

Irman do meu monarcha!
És em meu coração; o fel dos odios
não póde estar comtigo. Da alma extirpo
do rancor vingativo a raiz funda.
Teu irmão me detesta?.. Odial-o eu... nunca!
não tens piedade?.. O meu amor me deixa!

V

Repara n'este amor, que espera sempre.
Olha que sacra chamma o divinisa
em pura essencia minha. É quanto tenho.
Vê tu com que mysterio elle se esconde
nos cerrados arcanos de meu peito,
como o raio no bôjo de atra nuvem,
até que o seio fende, e ardente vôa,
como flecha do céo com flammeas azas.
Abrazam-se em meu ser vivos alentos,
e altissimas ideas, se teu nome,
como faisca electrica, me accende.
O passado reluz ante meus olhos
um instante; depois... volto ao meu nada.

Não foi por ambição que eu te amei tanto.
Vi nossas condiçoens; de mais sabia
que não podem princezas amar poetas.
Palavra não soltei que me trahisse
este amor, que de si tirava glorias,
e premio e recompensa; e, se a denuncia
meus olhos a fizeram, ai! punidos

de mais o foram pelo teu silencio,
sem meus labios gemerem um queixume.
Tu foras para mim reliquia sancta
em chrystalino cofre. Eu adorava-te
de longe e respeitoso. O chão beijava
sagrado por teus pés, e não te via
as gallas de princeza. Era a beldade
que incutia terror... Terror! não era...
respeito, sim, qual Deus o incute ao homem.
E, a par d'essa adorada magestade,
não sei que extremos de brandura tinhas!..

Não direi como foi; mas vi-me escravo,
escravo teu de genio e de destino.
Se foi soberba amar-te assim sem norte
paguei cara a cruel fatalidade!
E ainda assim, amar-te é sentir leves
as fundas agonias. D'estes ferros
metade do seu pezo amor lhes tira,
e me instiga vigor, que arrastra os outros,
e esforça o coração, onde tu reinas,
para a ti se exalçar, mentindo ás dores.

VI

Nada ha ahi de espantar. Já, desde infante,
amor foi, minha vida, e alento, e em tudo
amor na terra eu via e idolatrava.
Entre as urzes asperrimas da serra,
ao pé das fragas, onde hervecem e infloram
as moitas de boninas, fiz meu éden;
e, ahi á sombra dos umbrosos robles,
as horas esqueci, scismando amores.
Censuravam-me os velhos esta vida
inerte e descuidada. Os mais previstos,
as frontes alvejantes sacudindo,
o meu triste destino predisiam,
e opportuno castigo aconselhando,
meus pais me castigavam, e eu, em pranto,
do intimo do peito os maldisia,
e ás queridas soidoens ia chorando,
e, sosinho, sonhar magas chimeras.

A par e passo que augmentavam annos,
não sei que torvação, que pungir dôce
em ancias me inquietava a mente alheada!

Anhelo, aspiração tinha só uma,
mas vaga e indefinida, até que, um dia,
sobre a terra te vi! E, então, senti-me
n'uns enlevos de amor allucinado,
e todo absorto em ti, sem sol, nem mundo,
que me eras sol só tu, e mundo, e vida.

VII

E amava a solidão; mas mal pensava
d'esta vida correr não sei que espaço,
relegado dos homens, convivendo
com tyrannos, carrascos de dementes.
Quaes estes são, se eu fosse, affeita
minha alma á podridão d'este sepulcro,
respiraria, sem sentil-a, a morte.

Quem viu em mim as convulsoens do louco?
quem me ouviu delirar!?
Não soffre tanto
o naufrago, cuspido em ermas ribas,
como eu n'este covil! Avista o naufrago
a luz e o céo e o mar. E eu vejo apenas
o duplicado espaço d'uma campa.

Elle, ao menos, morrendo, póde os olhos
ao céo erguer; e, n'esse olhar extremo,
amaldiçoar o céo. Eu, no trespasse,
não hei de praguejar-te, ó Providencia!
meus olhos não porei no tecto negro
que separa de mim o céo, qual nuvem.

VIII

Ás vezes, sinto a decadencia da alma;
mas conheço-a. Insolitos fulgores
relumbram na prizão. Phantasmas hórridos
infligem-me tormentos, que não pena
o homem livre e são, e a mim me vexam,
a mim, que tanta affronta aqui devoro,
sem ar, sem luz, sem ambito, opprimido
por tudo que destroe, recalca e avilta.
Inimigos cuidei que eram só homens;
mas com elles, talvez, conjurem lavras.
A terra me abandona, o céo me esquece;
as potencias do mal contra mim, fraco,
sem amparo de alguem, todas conspiram.
Porque é minha alma assim, qual aço ao fogo
provada n'esta fragua abrazeada!?

E' que eu amei, e amei quem não podia
deixar de amar, sem ser ou mais que homem
ou menos do que sou.

IX

Já senti muito.
Esse tempo lá vai. Endureceram
as fundas cicatrizes. Se não fosse
o gélido marasmo em que me esqueço,
n'estes ferros a fronte espedaçára,
quando um raio de sol se côa n'elles,
como escarneo, que vem rir da desgraça.
Se ainda peno, se supporto ainda
angustias, que não diz a voz humana,
é que não quero, confirmar, morrendo
ás minhas proprias mãos, a aleivosia,
a estupida mentira, que me algema
a liberdade aqui. LOUCO! diriam.
Matar-me era esculpir marca infamante
em nome, que não quer compaixão de homens.
Matar-me era firmar a atroz sentença
de inexoraveis inimigos... Nunca!
Hade ser immortal meu nome!

Um dia
as geraçoens virão, n'esta masmorra,
saudar-me e visitar, como n'um templo
memorias do que fui.
E tu, Ferrara,
quando duques em ti já não existam,
quando ao chão derruidos pedra a pedra
teus desertos palacios baquearem,
meu laurel hade ser-te a melhor c'rôa,
ser-te-ha minha prisão a maior gloria,
a tempo que teus muros arrasados
de estranhos hão de ser espanto e assombro!

E tu, e tu, Leonor, que houveste pejo
de amada ser de mim; que, envergonhada,
córavas de inspirar paixão a homens,
que não nasceram reis, dirás que esta alma,
dirás a teu irmão, que nem os tedios,
nem dôres, nem os annos a venceram,
nem mesmo a podridão d'estas sentinas,
que empesta o ar, que anceia a intelligencia,
dize-lhe que eu te adoro ainda; dize-lhe
que hão de ser derrocadas suas torres,
e ameias, e brazoens, e os tectos de ouro,
que cobrem seus festins; e que este carcere
será como um padrão sanctificado.

E, quando, alfim, teu magico prestigio
de nascimento excelso e de bellesa
extinctos fôrem já, dou-te metade
dos louros que insombrarem meu sepulchro.
Nossos nomes, ligados para sempre,
poder da terra algum não terá força
de apartal-os jamais: qual foi na vida
meu pobre coração com tua imagem,
nossos nomes serão na eternidade.

Leonor! este será nosso destino:
Sempiterna união; mas... tarde unidos!

NOTAS

(1) O biographo de Tasso, Serassi, provou até á certeza que a causa principal do supplicio do poeta foi o desejar elle evadir-se, quer temporariamente, quer para sempre, á servidão da côrte de Affonso. Em 1575 resolveu Tasso visitar Roma, e aproveitar as indulgencias do jubileu. « Esta viagem, diz o biographo, augmentou suspeitas de querer o poeta aliançar-se com outra côrte, e d'ahi procedem os infortunios d'elle. De volta a Ferrara, o duque negou-se a recebel-o em audiencia; repeliram-o todas as pessoas que dependiam da côrte. Das promessas, que o cardeal Albano lhe fizera nenhuma foi cumprida. Deu-se então que Tasso, depois de soffrer taes affrontas algum tempo, caído na desgraça do duque e da princeza, desamparado de amigos, insultado por inimigos, não pôde mais conter-se nos limites da moderação, e desabafou em expressões injuriosas contra a casa d'Este, maldizendo os serviços que lhe

houvesse feito, e bem assim desdizendo-se dos elogios poeticos ao principe ou aos magnatas, designando-os todos como corja de covardes, ingratos e devassos. O resultado d'este descomedimento foi prenderem-o e levarem-o, ao hospital de Santa Anna, e fecharem-o, como doudo, n'um cubiculo.»

(Serassi. *Vita del Tasso.*)

(2) No hospital de Santa Anna mostram uma cella sobre a porta da qual está gravada esta inscripcão: — Rispettate, o posteri, la celebrità diquesta stanza, dove Torquato Tasso, infermo più di tristezza che delirio, ditenuto dimoro anni vij, mesi ij, scrisse verse e prose, e fù rimesso in libertà al instanza della città di Bergamo, nel giorno vj Luglio, 1586.

A prisão é sottoposta ao pavimento do hospital. A luz côa-se atravez d'uma janella gradeada, que olha para um pateo commum de todas as prisões. Tem esta cella nove pés de comprimento sobre cinco ou seis de largura. A madeira do leito foi levada a pedacinhos pelos visitantes idos a Ferrara por amor do poeta. A mesma porta está muito estragada por numerosos entalhes. Foi o poeta encerrado n'este calabouço no meado de março de 1579 e ahi demorou até dezembro de 1850, no qual tempo foi mudado para quarto mais espaçoso, onde podia, consoante elle diz, philosophar e passear. E' inexacta a inscripção no tocante á soltura de Tasso: é certo que a liberdade d'elle fôra concedida á cidade de Bergamo, mas só lhe foi effectivamente dada por intervenção de Vicenzo Gonzagua principe de Mantua.

(3) Em carta ao seu amigo Scipião Gonzagua, escripta depois da prisão, Tasso diz: «Ah! quão desgraçado sou! Era meu intento escrever, afóra dois poemas epicos sobre bellissimos assumptos, quatro tragedias cujo esboço tenho na mente; tinha delineado muitas obras em prosa sobre elevadissimos motivos, e de universal utilidade. Queria eu combinar a philosophia e a eloquencia de sorte que o mundo guardasse uma lembrança immortal de mim. Ah! eu queria illustrar e glorificar

a minha vida; mas agora alquebrado sob o peso da desgraça, toda esperança perdi de conquistar um nome glorioso. O temor d'uma perpetua prisão augmenta a minha tristeza; redobram-na os ultrajes que me fazem soffrer. Estão esqualidas as minhas barbas; cabellos e vestidos tudo em desalinho. Em verdade, se Aquella que tão mal correspondeu ao meu amor me visse em semelhante estado e em tamanha afflicção, teria de mim piedade. *(Opere,* t. x. p. 387.)

(4) No espaço do seu primeiro anno de prisão, Tasso soffreu todas as torturas da soledade. Fôra elle confiado á vigilancia de um carcereiro, o qual se bem que poeta e litterato, singularisou-se unicamente em obedecer cegamente ás ordens do seu soberano. Chamava-se Agostinho Mosti. Tasso, em carta a sua irmã, diz, fallando do procedimento do seu carcereiro : — « E a usa meco ogni sorte de rigore ed inumanitâ. — Hobhouse.

(5) Pouco tempo depois, Tasso implorou a clemencia de Affonso, n'uma canção bellissima, que não commoveu o animo do perseguidor.

(6) Algum tempo depois de preso, escrevia Tasso : « Não me lastimo da immensa tristeza que me esmaga o coração, nem dos aturdimentos da cabeça, nem do despreso em que são tidas minhas supplicas e gemidos, nem da debilidade e magreza do meu corpo : leve é a lagrima que dou a tudo isto ; mas o que me afflige é a infermidade do meu espirito. Dorme e já não pensa a minha intelligencia; a phantasia inerte já nada cria ; os sentidos não me reproduzem as imagens dos objectos : recusa a mão escrever... Parece que os meus movimentos estão acorrentados, e sinto-me vergar debaixo d'esta pressão moral, que não sei descrever. »

(7) Os crentes em castigos n'este mundo devem notar que a crueza de Affonso teve o pago em vida d'elle. Subditos

e criados todos o abandonaram no leito de agonia. Foi sepultado sem algumas honras funerarias: as suas ultimas vontades não lh'as cumpriram. Annularam-lhe o testamento. D. Cezar, parente d'elle, foi excommungado pelo vaticano, e Ferrara, apoz uma curta reacção, foi para sempre resgatada do dominio da casa d'Este.

(8) Em julho de 1586, Tasso sahiu do carcere onde estivera sete annos. No intento de se apossar da herança materna, e abraçar ainda uma vez sua irmã Cornelia, foi a Napoles onde foi recebido com relevantes mostras de admiração. Passando a Mola di Gaeta recebeu singular prova do enthusiasmo que universalmente excitára o seu talento. Marco di Sciara, famoso chefe de salteadores, mandou saudar o poeta, e offereceu-lhe não só livre passagem, senão que uma escolta para acompanhal-o, asseverando-lhe que tanto elle como os da sua malta teriam muito orgulho de servil-o. (Veja Manso, *Vita del Tasso*, p. 219.)

(9) Na bibliotheca de Ferrara, existem manuscriptos originaes de Jerusalem de Tasso e do «Pastor fido» de Guarini, com cartas de Tasso, e uma de Ticiano a Ariosto, bem como a escrevaninha, cadeira, o tumulo, e casa d'este ultimo; mas como quer que a desgraça acareie mais a attenção da posteridade, o cubiculo onde esteve Tasso no hospital de Santa Anna attrahe mais visitantes que os monumentos de Ariosto. Assim o quiz eu vêr, pelo menos. Ha n'elle duas inscripções, uma sobre a porta, a outra na prisão, excitando a indignação do espectador, sendo desnecessario o estimulo. Ferrara está mui decahida e quasi inhabitada; existe, todavia, o castello na integra, e eu vi o pateo em que Parizini e Hugo, no dizer de Gibbon, foram decapitados.

KEMPIS

I

Para os que soffrem póde ser que eu tenha
um carme triste dos que não consolam,
mas triste, sem rasgar mais funda a chaga,
que deixou n'alma o desengano acerbo.

Para os que soffrem só conheço um livro.

Foi Kempis que o sentiu? é obra d'anjos?
Que importa o nome? Eu sei que o pranto é dôce
vertido n'essas paginas ungidas
do balsamo divino, que mitiga
de todas as paixões a dôr e a febre.

É santo o livro: ha providencia n'elle.
Nas tempestades d'alma, quando bramam
as revoltas paixões, quebra-se a onda
na rocha immovel da paciencia. Em lagrimas
desfaz-se a nuvem negra que nos cerca:
em lagrimas que são allivio prompto
como as gotas do sangue que distilla
o que sente na fronte os vivos estos
da congestão mortal. É santo o livro.

II

A mão afouta do homem rasga os veios
aonde a terra entranha o ouro e o verme.
Alenta-se o furor dos gozos novos.
Beliscam-se as paixões enfraquecidas.
As cubiças despoticas recrescem;
tiram-se ás fontes do prazer exhausto
correntes mais caudaes, mais grossa vêa
d'este novo maná que nutre o vicio.
As idas gerações verteram sangue
na cama d'esta arvore fecunda,

vergando ao peso dos sumosos pomos
que nós, herdeiros d'ella, imos colhendo.
Foi trabalho de seculos: a vida
dos que foram d'aqui mal pagos d'ella,
provada foi de esforços mais que humanos.
A grande aspiração, a luz remota
que não viram brilhar os olhos d'esses,
vimol-a nós, abastardada raça
de agigantados pulsos inda escriptos
no granito gigante da *Batalha*.

Foi trabalho de seculos: é nossa
a rica herança de esforçados homens,
que vestiram de malha, e gotejaram
por entre o ferro o sangue generoso,
preço dos gozos mil que nos deslumbram.

III

Sômos felizes, pois? O vello d'ouro
foi dado a todos que arrostaram bravos
a furia do dragão que vigilante,
ao vêr a luz, as garras recurvava?

Ergueram sobre o pó do velho mundo
mesa farta de pão onde a indigencia
venha sentar-se a quinhoar da gloria
de têl-o merecido? O frio e a fome
não tem já prêa onde pascer as iras?
Debaixo d'este sol fertilisante
nasce á porta do pobre a messe e a vide?
Liberta dos grilhões do pensamento,
livre para pedir pão e trabalho,
a humanidade triumphou?
Mentira.

IV

O homem soffre e geme. A existencia
é agra, é fel servido em taça d'ouro.
O riso do feliz é a cal do tumulo:
ha de vermes lá dentro um roer surdo.
Taes jubilos não vem ungidos d'alma.
Do coração ao rosto o pensamento
de remorso que foi torna-se em riso.
*

Não é o pobre só victima do ouro:
primeiro, o rico geme escravo d'elle,
escravo, sim, que eu perscrutei o fundo
de muitas almas vis, e contristado,
ousei dizer a Deus — que extrema escoria
devera o homem ser.
Quaes os felizes?

São esses que resvalam delirantes
no florido despenho do sepulchro?
Ha muito espinho ahi sob essas flôres:
primeiro, a honra geme ahi pisada
aos pés de quem, depois, vai fronte altiva,
mercadejando a ouro a alheia honra.

V

Oh meu Deus, para mais fizeste o homem;
não póde ser só isto o seu destino.
Os olhos meus perdidos vão no espaço.
Buscando-vos, Senhor, encontro apenas
o vosso immenso livro, em igneas letras
aberto para mim que não sei lêl-o.

Então só sei temer. Meus olhos correm
por sobre o mar, de vaga em vaga, e ao cabo
o firmamento desce ante meus olhos,
e o segredo d'além me frustra o alento.

Será crime, Senhor, a minha audacia!

VI

Ao pé da campa, sim, posso buscar-vos:
ahi, curva-se humilde a fronte do homem
que pôz a debil vista audaciosa
na baliza final do seu destino.
O cadaver me diz no seu silencio
que é preciso sellar o labio ousado
que te invoca do céo, justiça eterna!
E o anjo da bonança então me afaga.
As pulsações da febre ardente esfriam.
Teu livro, oh Kempis, vem na mão do anjo:
eu lagrimas te dou, e tu por ellas
dás-me, primeiro, a fé, e após a esp'rança.

1857.

MEMORIA

Foi n'aquelle triste dia,
em que, tão longe de ti,
saudade amarga sentia,
foi então, Rachel, que eu vi
n'aquelles ermos a imagem
do teu rosto lacrimoso.
Era a tarde, e a dôce aragem
por entre um bosque frondoso
me segredava saudades.
Estava o céo tão sereno!..
Em tudo, o sol occidente
um clarão saudoso e ameno
derramava refulgente;
mas eu não via a bellesa
dos quadros que a natureza
n'aquella tarde ostentava;

sentia n'alma abafada
aquella crença adorada
que não deixa os infelizes.
E n'essa hora tão triste
que tua alma adivinha
colhi eu essa folhinha
e para ti a guardei.
Secca folha, tu não dizes
o que meus olhos chorosos
te revellaram então;
nem eu sei que tormentosos
dias de immensa afflicção
na minha vida passaram.
Recordal-os inda agora
mal posso que se riscaram
essas datas de minha alma.
Se a esperança ainda implora
novas mercês ao Senhor,
é que espera ainda a palma
para ti, martyr da dôr,
que a negra infamia exacerba.
Hade partir-se a cadeia
que te prende escrava e serva
de uma tyrannica idea
que a sociedade inventou!
Hasde erguer a fronte altiva

sobre o mundo vil e atroz
que tua alma infamou...
e dirás, diremos nós
cheios de nobre ufania:
« foi menor nossa agonia
« que o premio que Deus nos dá;
« eis a ventura suprema
« se ventura existe cá. »

1859.

A RACHEL

Quem ha ahi que possa o calix
de meus labios apartar?
Quem n'esta vida de penas,
puderá mudar as scenas
que ninguem pôde mudar?

Quem possue n'alma o segredo
de salvar-me pelo amor?
Quem me dará gotta de agua
n'esta angustiosa fragua
d'um deserto abrasador?

Se alguem existe na terra
que tanto possa, és tu só!
Tu só, mulher, que eu adoro,
quando a Deus piedade imploro,
e a ti peço amor e dó.

Se soubesses que tristeza
enlucta meu coração,
terias nobre vaidade,
em me dar felicidade,
que eu busquei no mundo em vão.

Busquei-a em tudo na terra,
tudo na terra mentiu!
Essa estrella carinhosa
que luz á infancia ditosa
para mim nunca luziu.

Infeliz desde creança,
nem me foi risonha a fé:
quando a terra nos maltracta,
caprichosa, acerba e ingrata,
céo e esperança nada é.

Pois a ventura busquei-a
no vivo anceio do amor.
Era ardente a minha alma;
conquistei mais d'uma palma
á custa de muita dôr.

Mas estas palmas taes eram
que postas no coração,
fundas raizes lançavam,
e nas lagrimas medravam
com fructos de maldição.

Em ancias d'alma a ventura
nos dons da sciencia busquei.
Tudo mentira! A sciencia
era um signal da impotencia
da vã razão que invoquei...

Era um brado, um testemunho
do nada que o homem é.
Quanto a minha mente erguia
tudo por terra cahia,
só ficava Deus e a fé.

Lancei-me nos braços do Eterno
com o fervor de infeliz;
senti mais fundas as dôres,
mais agros os dissabores...
o proprio Deus não me quiz!

Depois, no mundo, cercado
só de angustias, divaguei
de um abysmo a outro abysmo
pedindo ao louco cynismo
o prazer que não achei.

Tristes correram meus annos,
na infancia que em todos é
bella de crenças e amores,
terna de risos e flôres,
santa de esperança e fé.

Assim negra me era a vida
quando, oh luz d'alma, te vi
baixar do céo, onde, outr'ora,
te busquei mão redemptora,
procurando amparo em ti.

Serás tu a mão piedosa,
que se estende entre escarceos
ao perdido naufragado?
Serás tu, ser adorado,
Um premio vindo dos céos?

E eu mereço-te, que immenso
tem já sido o meu quinhão
de torturas não sabidas,
com resignação soffridas
nos seios do coração.

Que ternura e amor e afagos
toda a vida te darei!
Com que jubilo e delirio,
nova dôr, novo martyrio,
de ti vindo, aceitarei!

Se na terra um céo desejas
como o céo que eu tanto quiz,
se d'um anjo a gloria queres,
serás anjo, se fizeres,
contra o destino, um feliz.

Faz que eu veja n'estas trevas
um relampago d'amor,
que eu não morra sem que diga:
« tive no mundo uma amiga,
« que entendeu a minha dôr.

« Deu-me ella o estro grande
« das memoraveis canções;
« accendeu-me a extincta chamma
« da inspiração que inflamma
« regelados corações.

« Os segredos dos affectos
« que mais puros Deus nos deu,
« ensinou-m'os ella um dia
« que d'entre archanjos descia
« com linguagem do céo.

« Os mimosos pensamentos
« que, de mim soberbo, leio,
« inspirou-m'os, deu-m'os ella
« recostando a fronte bella
« sobre o meu ardente seio.

« Morta estava a phantasia
« que o gêlo d'alma esfriou;
« tinha o espirito dormente,
« só no peito um fogo ardente,
« quando o céo m'a deparou.

« Agora morro no goso
« d'uma saudade immortal.
« Foi ditosa a minha sorte;
« amei, vivi; venha a morte,
« que morte ou vida é-me igual.

« Igual, sim, que o amor profundo,
« como foi na terra o meu,
« não expira, é sempre vivo,
« sempre ardente, e progressivo
« em perpetuo amor do céo. »

Assim, querida, meus labios,
já moribundos, dirão,
nas agonias supremas,
essas palavras extremas
do meu ao teu coração.

Sabes quem é, n'este mundo,
quasi igual ao Redemptor?
É quem diz: « Sou adorada
« Pela alma resgatada,
« Por mim, das ancias da dôr.»

1858.

A RACHEL

(No dia de seus annos)

O tempo inexoravel, escoltado
de angustias, de paixões, e de martyrios,
viu-te, archanjo do amor, e o braço irado
desarma, e suspirou.
Contempla-te, e por vêr-te assim formosa,
formosa e sem ventura, exclama « És linda!
« O golpe não t'o dou!

« Vieste assim de Deus! Tens formosura,
« que eu não ouso tocar! Matem-te a alma
« os barbaros da honra em vil tortura;
« mas eu serei por ti!
« não se apaga no pranto a viva flamma
« d'esses teus olhos... Vive, e crê, e ama,
« anjo, perdido aqui!

«És linda! Que te vejam teus algozes
«n'um carcere affrontar mortaes angustias
«vencel-as, e aparar golpes atrozes
«no peito varonil!
«Recuem de humilhados! Que te adorem,
«perdida para sempre que te chorem,
«oh coração gentil!

«Teus dias não são meus. Sempre formosa,
«amada sempre, e sempre estremecida,
«és fé, és crença, amparo, e luz radiosa
«de quem captivo é teu.
«Amor linda te fez, amor te vela;
«por milagre d'amor serás mais bella,
«e bella irás ao ceu!»

Assim fallára o tempo; e, todo affagos,
nos olhos teus, revendo-se amoroso,
sentiu coar-lhe n'alma os phyltros magos
com que amor te fadou;
e, abrazeado em chammas de desejo,
ao dar-te sobre o seio ardente beijo,
mais linda te deixou.

1859.

O TEU FILHO!..

Quando vejo, querida, entre os teus braços
o ser que encerra em si todo teu ser,
um anjo eu cuido ver do céo descido,
que um outro anginho á terra vem trazer.

DORMES?

Meia noite. Dormes, anjo?
vês-me n'um sonho feliz?
vem do céo dizer-te um archanjo
o que minh'alma te diz?

Vês ao longe o prado, a fonte,
o arvoredo sombrio,
e o azul-celeste horisonte,
e as frescas margens do rio?

Vês o filhinho travesso
a seguir com mão inquieta
sobre as flores do codêço
a pintada borboleta?

*

Vês-me á sombra do carvalho,
onde está todo o meu mundo,
a repousar do trabalho
do pensamento fecundo?

Sonha assim, victima nobre
d'um destino miserando;
dize o mysterio que encobre
o sonho que estás sonhando.

MEDITAÇÃO D'UM PARVO (1)

O mundo não é máo. A gente ri-se,
depois que estuda bem o que isto é.
Tomar a serio o mundo!.. Ora! sandice,
que nos poem á mercê do ponta-pé!
Não sei qual sabio illustre foi que disse
ser suprema toleima a boa-fé...
Na boa-fé do tolo medra o esperto;
e o logro do velhaco é sempre certo.

(1) Ha um livro do auctor em que estas poesias correm, ha annos, ... para a immortalidade. Se este feixe de máos versos não tivesse passado quatorze annos de madureiro, não aconteceria esquecer-me eu de os ter lá colligido, e o leitor seria menos logrado, não os relendo.

Eu fui outr'ora um lôrpa choramigas;
meus olhos tinham sumo de cebôla!
Que lagrimas choravam... tu que o digas,
ingrata, a quem chamei «fagueira rôla!»
Caretas me fizeste, e talvez figas,
em quanto uma elegia acerba e tola,
em versos, quase todos aleijados,
eu fiz, e publiquei, por meus peccados!

A cantaros chovia algumas vezes;
e eu, em gutta-percha encadernado,
andei na rua d'ella uns cinco mezes,
sempre cheio de lama e encatharrado;
galhofas supportei, risos soezes
da visinha, que estava sempre ao lado,
conversando com outra a quem disia:
«já viram parvo assim? forte mania!»

E quem, ó justos ceus! quem era ella,
que assim zombava d'este amor violento?
quem pensam que era a candida donzella?
namoro escandaloso de um sargento,
que uma escada de corda, na janella,
engatava, alta noite; e, em quanto o vento
me regelava a rubida faceira,
a visinha... provava a minha asneira!

Comecei de descrer, desde esse dia,
da honra das visinhas, sobre tudo;
em consequencia do quê, outra elegia
mandou para um jornal meu estro agudo.
Ao mundo fiz saber que dor bravia
gerára o meu cynismo façanhudo:
promettia beber sangue de gente
como quem bebe orchata ou aguardente!

É certo que me fiz terror das damas!
Se entrava nos soloens, era phantasma!
sabiam-se de cór os meus programmas
de sangue, de asphixia, attaques d'asma!
Meus beiços, ao fallar, cuspiam chammas!
Ao som da minha voz a turba pasma;
«e as mães que o som terribil escutaram,
aos peitos os filhinhos apertaram!»

(Os dois versos finaes são emprestados:
escreveu-os Camoens. Sinceridade!
Ha por'hi uns poetas deslarados,
que pilham quanto podem sem piedade.
Camoens tambem pilhava os seus bocados,
assim por distracção, isso é verdade.

Virgilio fez um verso d'uma idea;
Camoens fez dois: mostrou mais rica veia.) (1)

Vinguei-me das mulheres com usura!
(parece prosa o verso!) Corrompi!
Grinaldas virginaes, com mão impura,
das frontes arranquei, pizei, cuspi!
A prantos não vergou esta alma dura!
Fiz coisas que ninguem fez por ahi!
Ninguem pode escutar, a sangue frio,
Arrelías que fiz ao mulherio!

Depois, fez-se em meu peito um grande tedio,
d'estes gosos sandeus da sociedade.
Custava-me a soffrer o duro assedio
de escravos a pedir minha piedade.
Uma d'estas — ai d'ella! — atroz remedio
buscou no suicidio!.. Oh crueldade!
Matou-a pena extrema e verdadeira!..
consta que era excellente cosinheira!

(1) *Et trepidi matres pressere ad pectora natos.*
Virg. *(Eneid.* l. 1.)

E as mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.
Cam. *(Lus.* c. 4.)

Que victimas illustres immoladas
da vingança nas aras fumegantes!
que cegas mariposas abrasadas
na luz d'estes meus olhos fulminantes!
era um destroço! esposas adoradas
desleaes aos legitimos amantes!
e muitas, por notaveis celebreiras,
chegaram a fugir pelas trapeiras!

Fui terrivel demonio! mas agora
mais espinhas minh'alma tem que nm savel,
espinhas de remorso, que, por fóra,
ninguem me vê na cara impenetravel!
Constante me recôlho áquella hora
chamada das gallinhas!... É notavel!...
em quanto o mundo folga e tripudia
durmo estupidamente inda ao meio-dia!

O fado, ainda assim, não satisfeito,
com mais cruentas magoas me castiga!
Devoro alarvemente, e sinto o effeito
nos tumidos refêgos da barriga.
Pendurada do queixo sobre o peito,
escarlate papeira se impertiga;
sobre os olhos a carne se me engrossa,
e a lerda estupidez de mim se apossa!

Chegado a este excesso de desgraça,
não tento contra a minha triste vida,
que sou christão; porém, não sei que faça
durante uma existencia tão comprida!
O mundo para mim já não tem graça;
namoro-me da campa appetecida;
mas, se a parca não busca a sua prêza,
vou-me casar!... venceste, ó natureza!

FRAGMENTO

(Do livro das «Pataratas»)

Musa seria, que me has dado
mais renome que dinheiro,
dá-me hoje estro sublimado:
para assumpto zombeteiro
guarda o agro apimentado.

Que o assumpto é grave e vasto,
pois cantar quero os fidalgos
de Cabeceiras de Basto,
que tem matilhas de galgos,
e trazem pôldros no pasto.

Por lá disse o bom Miranda
que pardáos vira correr.
Inda a roda não dezanda:
peor agora, a meu ver,
a fidalguia trezanda.

Ó bisnetos veneraveis
dos heroes de Ceuta e Fez!
ó progenies respeitaveis
d'aquella gente que fez
heroismos memoraveis!

Palavra d'honra! declaro
que não respeito o que sois,
nem serei menos avaro
de zumbaias aos heroes
d'onde o nome haveis preclaro.

Vossos avós que fizeram?
que é dos padroens d'alta gloria
que mercenarios lhes deram
na venal, mentida historia
que mãos servis escreveram?

Se dizeis que alguns piratas,
defraudando estranha gente,
vos deram honras baratas,
tereis logar excellente
no LIVRO DAS PATARATAS!

Quando o indio inerme e pobre
no seu torrão vegetava,
e, com seu trabalho nobre,
raros bens se grangeava
sob o colmado que o cobre;

quando ditoso vivia,
amando os filhos e a esposa,
e adorava o Deus que via,
com mão terna e dadivosa,
dar-lhe o pão de cada dia;

vossos inclytos avós,
n'aquelles tempos, quem eram?
que serviços, dizei vós,
que industriam nobre tiveram
que derive honra até nós?

Homens de força brutal,
inhumanos salteadores
d'esses que a historia immoral
nomeia « conquistadores »
e brazoens de Portugal!

Homens forçados á guerra,
heroes á força e sem arte,
de tirar da propria terra
o que natura reparte
por todo ente que encerra:

taes eram esses, que a fama
sanguinaria celebrava,
e hoje o orgulho proclama
sobre um padrão, que dezaba,
amassado em sangue e lama!

E, sacrilegos, disiam
que derramavam a luz
entre povos, que não viam
o estandarte da cruz,
que elles de sangue tingiam!

E seguro era o tropheu
d'esta « sancta e pia » guerra
que selvagens converteu:
tiravam-lhes bens da terra;
mas davam-lhes dons do ceu.

E, depois, ricos das prezas,
que para a patria traziam,
allegavam gentilezas,
e mercês pingues hauriam
em premios d'altas proezas.

Taes façanhas praticavam
(sabei-o, pedantes broncos!)
esses, que a patria mancharam.
Vossos celebrados troncos
d'esta ruim seiva medraram.

Gosai os bens da victoria
de torpe pirataría;
mas não vos sirvam de gloria
feitos de vil barbaría
falsificados na historia.

Vosso orgulho é parvo e vão;
essa impafia enoja e insulta;
vosso arrogante brazão
diz que muita infamia inulta
houve immoral galardão.

OUTRO FRAGMENTO

A virtude! ai! como é bonita!
Como os anjos se enamoram,
lá da mansão infinita,
destas donzellas, que coram,
quando o amor n'ellas palpita!

Ri-se toda a redondeza,
céos se riem, mar, e terra,
ri-se quanto a natureza
virginal e casto incerra
nas estufas da pureza!

Não tem mais purpura a rosa,
que beijou zephiro brando,
do que o rosto nacarado
da donzella, ao ver piscando
os olhos do seu amado!

Toda esquivanças se acolhe
ao regaço maternal,
onde o mêdo ainda a tolhe
d'aquelle olhar immoral,
que ella ancêa ainda a olhe.

Conta á mãe que um atrevido
se assoava a um lencinho,
depois de ter-lhe tossido:
e do portal do visinho
lhe offertou bilhete infido.

Arfa a mãe horrorisada
d'uma tosse tão impura,
e, d'horror alienada,
quer saber se 'inda está pura
a filha toda encarnada.

Da casta moça a mudez
cuida a mãe que o crime diz;
faz-se azul, rouxa, pedrez;
cáem-lhe do rubro nariz
os oculos já quarta vez.

Chama-se o pai, que, na loja,
peza o bacalhau á gente;
nos braços d'elle se espoja
a esposa, que a dôr vehemente
em gritos n'alma lhe aloja.

— Rapariga! (o velho exclama
fechando as mãos em dois murros)
— Rapariga! (outra vez brama
rugindo rispidos urros)
— Rapariga! estás na lama!

«Meu pai, perdão!» — balbucia
a tremebunda pequena —
«Isto, na mãe, é mania!
«que eu sou qual pura assucena,
«qual rosa da Alexandria!»

— Que dizes tu, rapariga!?
(volve o pai, cobrando alento)
Pois não ha que se te diga,
e vem-me pôr a tormento
esta mulher d'uma figa! —

*

«Deixa lá fallar! (replica
a matrona angustiada)
ainda hontem, na botica,
tinha a vista espeterrada
na cara d'ella um futrica!»

Baixa a moça os meigos olhos;
enfurece-se o jarreta;
pespega-lhe um tápa-olhos;
arromba logo a gaveta;
acha de cartas tres molhos!

Rompe do primeiro a fita;
cartas lê, que não intende;
mas, á quarta, mais se irrita;
e, em nova raiva, se accende,
por que é n'outra lettra escripta.

Continua a ler; e, á nona,
outra lettra o velho topa!
furibundo, o braço entona,
vai chegar-lhe o corpo á rôpa,
vai ferver rija tapona!

— Confessa, monstro, confessa!
(ulula rábido o pai)
Quem te pregou esta peça?
diz, se não a tranca vai
amolgar-te essa cabeça! —

« Perdôe-me por esta vez!
(soluçando a moça exclama)
« quem desgraçada me fez...
— Quer casar? — (o pai rebrama)
« Prometteram casar trez! »

SONETOS DA DECREPITUDE

I

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos
andava sempre a declarar ao mundo
que eu tinha cans, e um dissabor profundo,
e dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
sorriam das canções do muribundo;
pois viam no meu rosto rubicundo
uns bócios brazileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
sob o peso da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cansado;
e não gosto se sei que o leitor disse
que o meu bigode já reluz pintado.

II

Senhoras do meu tempo, é bem notorio
que eu vos servi com lira, harpa e laúde;
cantei-vos e chorei-me em quanto pude,
com ares de Antoní, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,
raivando contra amor trêdo que illude,
e protestando em prosa tosca e rude
que o escrever e o amor são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta
reladoras paixões, já não me escapa
nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,
quando, senhoras, vejo essa mão benta
pedindo uma esmolinha para o papa.

1872

INDICE